

BRICS+. A FORÇA DO SUL GLOBAL



Lula retoma participação do Brasil na nova geopolítica que está nascendo, com o fortalecimento do grupo de nações que buscam se reposicionar perante o mundo

Ricardo Stuckert

focus
BRASIL

Fundação Perseu Abramo 28 de Agosto de 2023 Nº 110

Dilma Rousseff é peça central da estratégia do novo BRICS

TRF1 isenta ex-presidenta e confirma: foi golpe mesmo

Eleonora Menicucci fala da nova conjunta política brasileira

Trump é fichado pela polícia e paga fiança de US\$ 200 mil

Os 50 anos da estreia de Secos & Molhados ganha um livro

Uma publicação da Fundação Perseu Abramo

Diretor de Comunicação: Alberto Cantalice

Coordenador de Comunicação: David Silva Jr.

Produção: Oficina da Notícia

Colaboradores: Bia Abramo,
Fernanda Estima, Guto Alves, Isaías Dalle,
Nathalie Nascimento, Olímpio Cruz Neto,
Paulo Chagas e Pedro Camarão



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente: Paulo Okamoto

Vice-presidenta: Vivian Farias

Diretoras: Elen Coutinho e Naiara Raiol

Diretores: Alberto Cantalice, Artur Henrique da Silva
Santos, Carlos Henrique Árabe, Jorge Bittar,
Valter Pomar e Virgílio Guimarães

CONSELHO CURADOR

Presidenta: Eleonora Menicucci

Conselheiros: Ana Maria de Carvalho Ademar,
Arthur Chioro, Arlete Sampaio, Azilton Viana, Camila Vieira
dos Santos, Celso Amorim, Dilson Peixoto, Eleonora
Menicucci, Eliane Aquino, Elisa Guaraná de Castro, Esther
Bemerguy de Albuquerque, Everaldo de Oliveira Andrade,
Fernando Pimentel, Fernando Ferro, Francisco José
Pinheiro, Iole Ilíada, José Roberto Paludo, Lais Abramo,
Luiza Borges Dulci, Maria Isolda Dantas de Moura,
Nabil Bonduki, Nilma Lino Gomes,
Paulo Gabriel Soledade Nacif, Penildon Silva Filho,
Sandra Maria Sales Fagundes, Sérgio Nobre,
Teresa Helena Gabrielli Barreto e Vladimir de Paula Brito

SETORIAIS

Coordenadores: Elisângela Araújo (Agrário),
Henrique Donin de Freitas Santos (Ciência e Tecnologia
e Tecnologia da Informação), Martvs Antonio Alves
das Chagas (Combate ao Racismo), Juscelino França
Lopo (Comunitário), Márcio Tavares dos Santos Chapas
(Cultura), Adriano Diogo (Direitos Humanos), Tatiane
Valente (Economia Solidária), Maria Teresa Leitão de Melo
(Educação), Alex Sandro Gomes (Esporte e Lazer), Janaína
Barbosa de Oliveira (LGBT), Anne Moura (Mulheres),
Nádia Garcia (Juventude) Nilto Ignacio Tatto (Meio
Ambiente e Desenvolvimento), Rubens Linhares
Mendonça Lopes Chapas (Pessoas com Deficiência),
Eliane Aparecida da Cruz (Saúde) e
Paulo Aparecido Silva Cayres (Sindical)

CONTATOS

webmaster@fpabramo.org.br

Endereço: Rua Francisco Cruz, 234 Vila Mariana

São Paulo (SP) - CEP 04117-091

Telefone: (11) 5571-4299 Fax: (11) 5573-3338

NESTA EDIÇÃO

EXPANSÃO DOS BRICS MUDA O CENÁRIO

Em Joanesburgo, na África do Sul, o grupo de países emergentes nascido há 15 anos muda de patamar e ganha nova projeção. Com ingresso de Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Argentina, Egito, Irã e Etiópia, o grupo supera o G7 em termos de PIB de paridade. O BRICS+ tem 37% do PIB de paridade e o G7, 29,9%

Páginas 10 a 16

ENTREVISTA. A socióloga Eleonora Menicucci comenta os desafios do país

Página 4

ARTIGO. Luís Nassif diz que o novo BRICS mostra falência do acordo de Bretton Woods

Página 17

ÁFRICA. Em Angola, Lula anuncia a retomada das relações com as 54 nações do continente

Página 18

POLÍTICA. TRF1 arquiva ação contra Dilma pelas chamadas 'pedaladas fiscais'

Página 20

ESCÂNDALO. Jair Renan, o filho mais novo de Bolsonaro suspeito de crimes financeiros

Página 23

OPINIÃO. Zeca Dirceu elogia o governo Lula pelo lançamento do Novo Pac

Página 25

MEIO AMBIENTE. Estudo na 'Nature' mostra que desmatamento na Amazônia triplicou

Página 26

SUCESSÃO. Donald Trump é fichado pela polícia e precisa pagar US\$ 200 mil de fiança

Página 28

CULTURA. A estreia dos Secos & Molhados em 1973 chocou a sociedade brasileira

Página 34

MÚSICA Os 30 anos do lançamento de 'Zooropa', a obra-prima do grupo U2

Página 36



O BRASIL TAMBÉM É ÁFRICA

Alberto Cantalice

A visita do presidente Lula ao continente africano, mais uma vez, traz à luz a identidade do nosso país com os povos que habitam aquela região. Parte fundamental da construção da nacionalidade brasileira, a África nunca teve no Brasil o reconhecimento pleno de sua importância.

O sangue africano banhava as lavouras, as minas e matas brasileiras. Vítimas da mais ignominiosa condição: a de escravizados. Arrancados de suas terras natais e trazidos em porões de navios em condições cuja vileza é difícil de retratar.

“Era um sonho dantesco... o tombadilho/ Que das luzernas avermelha o brilho. Em sangue a se banhar/ Tinir de ferros...

estalar de açoite... Legiões de homens negros como a noite. Horrendos a dançar...”

A genialidade do poeta baiano Castro Alves, em seu célebre poema “Navio Negreiro”, escrito antes da abolição da escravidão e um dos mais declamados na luta abolicionista, nos dá um pequeno panorama dessa carga brasileira que foi a escravização de seres humanos.

“Calculo que o Brasil, no seu fazimento, gastou cerca de 12 milhões de negros, desgastados como a principal força de trabalho de tudo o que se produziu aqui e de tudo que se edificou. Ao fim do período colonial, constituía uma das maiores massas negras do mundo moderno. Sua abolição, a mais tardia da história, foi a causa principal da queda do Império e da Proclamação da República”.

A assertiva do mestre Darcy

Ribeiro em seu livro “O Povo Brasileiro”, nos mostra a magnitude da presença africana no Brasil.

Para nós, a história da África se reveste de uma importância que a academia no país ainda não percebeu. A persistência do racismo é fruto desse verdadeiro desmazelo com o conhecimento das nossas matrizes existenciais.

É preciso romper com a lógica meramente eurocêntrica que domina o pensamento brasileiro. Os grilhões que prendiam os corpos africanos, hoje agem aprisionando pensamentos.

É inadmissível que as ideias dominantes continuem veladamente a obscurecer uma parte preponderante do que nós somos.

Lula, eleito pelo progressismo, está fazendo a sua parte. Façamos a nossa. •

“COLHEMOS AS SEMENTES DE LIBERDADE QUE PLANTAMOS NA RESISTÊNCIA”

Para a socióloga e ex-ministra da Secretaria de Política para as Mulheres, o afastamento de Dilma Rousseff trouxe grandes prejuízos para o país e a sociedade. Ela comemora a decisão do TRF1 e constata que agora há uma nova oportunidade para a Nação com Lula. “Estamos vendo o jardim da sociedade florescendo. É uma primavera de agora, uma nova primavera depois do golpe”, diz

Bia Abramo e Guto Alves

Ministra da Secretaria de Políticas para as Mulheres do governo da ex-presidenta Dilma Rousseff é só um dos pontos altos no histórico de consciência cidadã ativa e feminista. Recentemente eleita presidenta do Conselho Curador da Fundação Perseu Abramo, a socióloga, pesquisadora e professora recebeu a reportagem da Focus Brasil para falar deste novo momento na FPA e dos rumos da política brasileira.

“Trabalhar na Fundação Perseu Abramo na resistência ao bolsonarismo, ao fundamentalismo, à política do ódio, no momento em

que ela foi presidida pelo Aloizio Mercadante e o Conselho Curador pela ex-presidenta Dilma e Fernando Haddad nos exigiu uma militância, uma produção como nunca teve”, aponta Eleonora.

Ela diz que agora é um novo presente, que pede novas perspectivas de gestão, na busca do diálogo ativo com pessoas de fora. “Temos ideia de buscar as ministras e os ministros para dialogar sobre as suas políticas. É uma questão muito importante convidar pessoas que não estejam no Conselho, mas que são do Partido dos Trabalhadores e possam dar sua contribuição”, diz.

Militante política desde os anos

60, Eleonora é graduada em ciências sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), professora titular de saúde coletiva da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Concluiu mestrado em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba em 1983, com doutorado em Ciência Política pela USP, pós-doutorado em Saúde e Trabalho das Mulheres pela Universidade de Milão (1994-1995) e livre-docência em Saúde Coletiva pela Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo.

Toda essa expertise guia a militância da ex-ministra e contribuição na construção de políticas



públicas e defesa dos direitos das mulheres brasileiras. Sua atuação de resistência em momentos difíceis da democracia brasileira, como os golpes de 1964 e o de 2016 refletem em seu trabalho. Para Eleonora, é impossível seguir sem ter em mente a destruição deixada pelo governo anterior. “Estamos ainda escavando sepulturas para tirar mortos, sepulturas das mortes de políticas sociais, de direitos. Mortes da juventude negra, de morte, do medo da morte, do feminicídio, do aumento do genocídio da população negra jovem, do aumento do ódio, da misoginia, do racismo, da transfobia”, destaca. “A ultradireita não admite conviver com esses direitos das pessoas”.

A nova presidenta do Conselho Curador da Fundação Perseu Abramo, no entanto, vê o momento com alegria e esperança, um renascer da democracia e do Estado brasileiro como guardião

da sociedade. “Ainda são apenas sete meses do primeiro ano. É muito pouco e já se fez muito”, afirma. “Nós semeamos na resistência e estamos colhendo agora com o governo Lula todas as sementes da liberdade que nós plantamos na resistência. Estamos colhendo. E eu tenho certeza que o jardim da sociedade está florescendo. Para mim é um privilégio histórico viver novamente um terceiro mandato do presidente Lula”. A seguir, os principais trechos de sua entrevista.

Focus Brasil – Como a senhora está vendo os planos para a Fundação Perseu Abramo neste momento com Lula na Presidência?

Eleonora Menicucci – Para mim, foi e é uma honra muito grande ter sido eleita como presidenta do Conselho Curador. É preciso ficar claro que o conselho não é meramente uma entidade figurativa.

É o Conselho que analisa, avalia, aprova ou desaprova todas as decisões tomadas pela diretoria da fundação. A novidade nessa minha gestão que venho impondo é que o conselho tenha que ter, e deve ter, mais algumas atividades além dessas já estabelecidas. Primeiro, em todas as reuniões, agora teremos alguém que faça uma análise. Já tivemos o Marcelo Manzano que fez uma análise de conjuntura, mas também vamos buscar interlocutores por áreas temáticas. Temos ideia de buscar as ministras e os ministros [do governo federal] para conversar conosco, dialogar sobre as suas atuações, suas políticas. E há uma alternativa, que não é excludente das duas primeiras, de convidarmos os setoriais [da FPA] para falar e as secretarias. Para mim, é uma questão muito importante também é convidar pessoas que não estejam no conselho, mas que são do Partido dos Trabalhadores e

que possam dar sua contribuição sobre a sua expertise.

– Como tem sido o trabalho e como a senhora estruturou essa nova gestão?

– Estamos trabalhando muito e junto. São duas frentes. Primeiro, junto com a formação, nós estamos ativamente na Nova Primavera, com a Vivian Farias, que é a vice-presidente da FPA. Na Marcha das Margaridas deste ano, tivemos uma mesa da Nova Primavera, onde estávamos presentes, eu, a Vivi como coordenadora e a Anne, da Secretaria Nacional de Mulheres, com várias outras companheiras – e foi bem interessante, muito bonita, muito bacana.

A outra frente da formação, consiste no trabalho junto com a Escola de Formação, com Maria do Rosário, para trabalharmos juntos. A terceira é o projeto que nós estamos iniciando agora com o NOP para fazer uma série de publicações sobre o tema do feminismo. Como o feminismo entrou no PT? Isso para mim é sopa no mel, como se diz: fui fundadora do PT, combina com minha militância feminista dentro do PT – eu participei todas as secretarias de mulheres do PT.

Para esse projeto, agrupamos algumas mulheres, creio que em torno de 20, que foram importantes na fundação do PT e são feministas. Faremos uma primeira reunião na semana que vem para traçarmos as diretrizes desse projeto que nós pretendemos lançar em 2024. Então, como vocês podem perceber, tem muita coisa. Agora, sobre esse momento, o que mudou é que trabalhar na Fundação Perseu Abramo na resistência ao bolsonarismo, ao fundamentalismo, à política do ódio, no momento em que a fundação foi presidida pelo Aloizio Mercadante e o Conselho Curador pela ex-presidenta Dilma e pelo Fernando Haddad, em tempos dife-

rentes, nos exigiu uma militância, uma produção como nunca teve. E conseguimos avançar demais. Agora, estamos noutra momento. Ufa! Respirando e sonhando, realizando e tampando todos os buracos deixados pelo governo e pelo Golpe de 2016. E aqui eu quero fazer uma homenagem, fazer uma “femenagem” à nossa querida presidenta Dilma Rousseff, por ter tido confirmado pelo TRF que foi golpe em 2016, ao arquivamento de todas as denúncias de ‘pedaladas fiscais’. Mostrou quem é ela, que mulher ética que ela é, que

NÓS LIBERTAMOS A DEMOCRACIA COM ESSE ARQUIVAMENTO DO PROCESSO DA DILMA. O TRF1 REFERENDOU A DENÚNCIA DE QUE HOVE UM GOLPE

representante de mulheres no poder que nós tivemos. Quero aqui deixar bem registrado isso.

– Mais uma vez a Dilma tem a inocência confirmada. Especialmente para vocês, mulheres que fizeram parte do governo dela, esse golpe deve ter ficado preso na garganta, porque é um prejuízo irrecuperável. O que a senhora sente quando essa inocência é declarada, depois de tanta injustiça num golpe que vocês

alertaram e lutaram tanto para que não acontecesse?

– Eu me sinto absolutamente liberada enquanto mulher. E acho que o movimento de mulheres também, as mulheres brasileiras que votaram na Dilma e, de uma forma ou de outra, aquelas que não votaram e se arrependeram. Porque nós libertamos a democracia com esse arquivamento que referendou a nossa palavra de lá atrás que era golpe. Isso é muito importante e eu, como mulher, ex-ministra de Política para as Mulheres nos dois mandatos da presidenta Dilma Rousseff – eu, inclusive não gosto de chamá-la de Dilma em público, como ex-ministra que ficou com ela até o último dia e ficou na resistência, eu gosto de referendar cada vez mais que ela foi a primeira mulher eleita e reeleita no Brasil e, depois, golpeada. Portanto, é a presidenta... nós fomos golpeadas três vezes: a primeira vez, no golpe de 1964, assistimos ao golpe, vivemos o golpe, lutamos contra o golpe, ficamos na clandestinidade, fomos presas... Depois teve o golpe da retirada da presidenta Dilma, da forma como ela foi brutalmente retirada do poder, a retirada da faixa de presidenta. E o terceiro, com a prisão do presidente Lula. Então vivemos três golpes e espero não ter de falar de mais nenhum. E as consequências do golpe contra a presidenta Dilma deram no Bolsonaro, no cavernícola.

– Como é que a senhora está vendo este começo do governo Lula 3? Estou perguntando isso por que a gente já está a 2/3 do primeiro ano. Como é que você vê a conjuntura e o governo Lula na conjuntura política?

– Acho que o governo Lula está indo bem. Nós temos feito várias conversas, várias discussões no grupo de conjuntura nacional e internacional, temos várias reflexões. A primeira é que o presidente Lula – e todos nós que estamos com

ele, dentro ou fora do governo –, mas sobretudo ele, entende que estamos ainda escavando sepulturas para tirar mortos e escavando sepulturas de mortes políticas sociais, de direitos e, evidentemente, de mortes da juventude negra, de morte, do medo da morte, do feminicídio, do aumento do genocídio da população negra jovem, do aumento da do ódio, da misoginia, do racismo, da transfobia...

E por que aumentou? Porque nos governos do presidente Lula e da presidenta Dilma, esses sujeitos de direito vieram à tona e a ultradireita não admite conviver com esses direitos das pessoas que, entre aspas, são diferentes. Acho que isso já é um ganho do governo. Segundo, e eu tenho aqui para mim uma esperança baseada na luta, que a relação com esse Congresso é a mesma que se deu no governo Dilma e no segundo mandato do Lula. Ou seja, é um Congresso reacionário, fundamentalista e tudo o mais que sabemos. E nós não podemos esquecer que nós ganhamos muito pouco. Essa relação com o Congresso é de embate mesmo, e tem que ter acordo, porque a política é feita disso mesmo. Nós não estamos implantando o socialismo....

Eu gosto muito de contar uma história que, quando fui como ministra para aprovar com o Eduardo Cunha, a Lei do Feminicídio, ele só aprovou quando eu e a minha equipe, as mulheres que estavam lá e as deputadas, concordamos em tirar a palavra gênero e exigiu que fosse substituído por sexo. Nós acabamos cedendo, então eu entendo essa dificuldade. São processos da negociação. Claro que eu gostaria que já tivesse avançado mais, mas ainda são apenas sete meses do primeiro ano. É muito pouco e já se fez muito.

Olha a repercussão, olha o que ele tem feito de política externa, agora com os BRICS na África do Sul e em Angola. Olha o PAC 3,

olha o Ministério das Mulheres, que está implantando construído 27 Casas da Mulher Brasileira pelo país. Não é pouca coisa. E isso num cenário desfavorável: a política da América Latina está indo muito para a direita, com raríssimas exceções. Esse tal de Milei [Javier Milei, candidato da extrema-direita à Presidência da Argentina] é um novo Bolsonaro. Temos que ter muita clareza política para saber que caminho nós vamos seguir até 2026, para não aparecer um Milei aqui. Credo!

A AMÉRICA LATINA INDO PARA A DIREITA, COM RARAS EXCEÇÕES. ESSE TAL DE MILEI [CANDIDATO À PRESIDÊNCIA DA ARGENTINA] É UM NOVO BOLSONARO

– O PT é um partido que foi fundado também por mulheres. Toda a sua história, a militância feminina e sindicalista de profissionais liberais e feministas teve presente no PT. Pergunto: por que a gente [mulheres petistas] ainda tem tanta dificuldade de ocupar espaço, de discutir o governo?

– Eu parto do pressuposto seguinte: eu estou no PT há 40 anos. E já avançou muito. E temos uma presidenta mulher no partido e tivemos uma presidenta da República

mulher, duas grandes presidentes. Porém, evidentemente, somos o único partido que tem paridade. Mas o PT não é uma ilha fora da sociedade. Eu brigo lá dentro, discuto, mas o PT é um partido que nasce no patriarcado, com as mulheres lutando contra o patriarcado e a cultura patriarcal. E não está fora dos nossos companheiros homens e de algumas mulheres também. Para quebrar essa lógica patriarcal é muito difícil. E eu acho que nós temos que lutar cada vez mais contra isso.

Paridade, por exemplo: não vale só estar no estatuto, tem que cumprir a paridade. Agora eu também falo; estamos agora discutindo como aumentar os serviços de aborto legal. Do aborto legal, faço questão de frisar. Nós brigamos por isso, o PT defende, a Gleisi [Hoffmann, presidenta do PT] não tem problema em defender, mas a sociedade brasileira é uma sociedade absolutamente retrógrada e fundamentalista nesse campo. E nós temos dentro do PT grupos também assim.

Então é por isso que eu acho que a luta contra o patriarcado é uma luta também dentro do PT. Tem que continuar ir rompendo porque é classe, gênero, raça. Aí agora tem etnia, temos população indígena, tem os territórios, tem a população LGBTQIA+ e nós vamos avançando, mas é evidente que é muito devagar. Eu não espero morrer antes de ter isso tudo, pelo menos essas pautas de direitos. O feminicídio de mulheres negras é bárbaro sim, cruel a pandemia para todas nós, mulheres, mas foi ainda pior para as mulheres pretas e pobres. Classe e raça no Brasil é colado e aí e colocamos que também é colado classe, gênero e raça. Como é que pode um partido do tamanho do nosso não olhar nas suas entranhas para isso? Eu acho que as secretarias das mulheres, a secretaria LGBTQIA+, a secretaria da Igualdade

Racial, o setorial de Direitos Humanos... Todos esses segmentos têm feito um trabalho exemplar. De um tempo para cá, que se iniciou uma conversa transversal com os temas considerados mais nobres, que é educação, saúde, cultura. Mas falta a economia incorporar isso também. Eu acho que eu aprendi ao longo da minha vida o que significa paciência histórica. É brigar, lutar, avançar no diálogo para conseguir incorporar essas pautas na realidade, não só nos estatutos. Tem um pedaço aí desta da luta contra o patriarcado, que é uma mudança cultural muito profunda.

– A senhora deu uma entrevista no ano passado dizendo tudo o que foi construído na secretaria de Políticas para as Mulheres, no governo Dilma, foi praticamente destruído pela gestão anterior. Qual o alcance desse prejuízo? O que deve ser a prioridade agora nas políticas das mulheres?

– Já está sendo feito, porque a ministra Cida [Gonçalves] tem colocado isso como prioridade, a violência contra as mulheres aumentou e isso foi incentivado diretamente por ele, que assumiu esses quatro anos o ódio que tem das mulheres. Era prioritário nos atacar, acabar com as mulheres. Então, aumentou o feminicídio em 56,2%. É muito. No governo dele, as mulheres não tiveram lugar: tinha a inominável Damares e a Tereza Cristina, da Agricultura, mas que essas eram acima de qualquer coisa, bolsonaristas, fundamentalistas e de extrema direita. Ele acabou com a Secretaria de Políticas das Mulheres, de Política de Igualdade Racial e da Juventude e colocou tudo num balaio só: Ministério da Família. E não é qualquer família, mas sim a família monogâmica, heterossexual, compulsória, fecundante. Não se aceitava as famílias que não fossem homem e mulher. Houve um ataque às mulheres e que foram expressos naquelas duas meni-

nas estupradas e que não conseguiram realizar o aborto legal em Santa Catarina e em Vitória. Vocês se lembram disso? Era uma menina de 11 anos. A violência contra as mulheres é a porta de entrada para o feminicídio.

– Quando se olha o anuário do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, além do feminicídio, ocorreram no Brasil em 2022, até dezembro, 78 mil estupros. É uma chaga nacional...

– Um recorde dos recordes, o máximo que o Brasil já tinha chegado nessa ignomínia era de 45 mil, com

HOUE UM ATAQUE ÀS MULHERES, EXPRESSOS NAQUELAS DUAS MENINAS ESTUPRADAS E QUE NÃO CONSEGUIRAM REALIZAR O ABORTO LEGAL

Bolsonaro foi a 78 mil. É a violência das violências.... Isso é prova do fato de que eles transformam as mulheres em inimigas. Infelizmente, essa violência não tem cor, não tem classe e gênero. Só tem gênero. Essa questão de gênero é a misoginia levada pelo Estado. Se nós não entendemos isso, a categoria de gênero não vai nos ajudar a compreender esse buraco que foi a outra gestão. Quando ele destrói as políticas sociais, Bolsa Família, Minha Casa Minha Vida, Luz para

Todos, está atingindo as mulheres e as mulheres pobres. Ora, 48% das famílias são chefiadas por mulheres. Então as políticas sociais afetam diretamente as mulheres. E a questão do ódio à população negra, o que aumentou... O extermínio da população negra foi inimaginável. E a outra grande questão foi negacionismo da ciência. Eu sou professora de universidade, houve um negacionismo da ciência, especialmente na saúde, que é minha área, negacionismo das doenças. O sarampo, que nós já havíamos zerado, volta com toda força. Na pandemia, mais de 40% dos 700 mil mortos e mortas na pandemia são de responsabilidade dele [Jair Bolsonaro]. Ele carrega sangue no corpo dele e na história e no nome, por causa do negacionismo de não aceitar as vacinas, de indicar remédio que não valia nada, que não tinha credencial nenhuma para que não tinha validade científica nenhuma para coronavírus.

– A destruição das políticas educacionais de ciência afeta mais a quem?

– Aos pobres, mulheres e negros. Vivemos quatro anos de terra arrasada e de extermínio. Eu o chamo de genocida há muito tempo. O primeiro texto que eu escrevi depois do golpe é sobre isso: o golpe foi misógino, fundamentalista, internacional, capitalista, parlamentar e judiciário. Então, ao longo desses anos, fui escrevendo sobre cada uma delas. Que significavam esses conceitos. E com o ar de liberdade que estamos respirando agora permite que os meios se organizem e permite que os movimentos também reclamem, demandem. E isso faz parte da democracia. Hoje, no MASP está tendo uma manifestação enorme do movimento negro em rede, reverência aos grandes personagens da nossa história, mortos antes e depois. Até então. Hoje ocupa as

ruas. Você tem permissão libertária para ocupar as ruas.

– Sua especialidade é em saúde coletiva. Tivemos três anos terríveis de pandemia e vivemos um trauma social. O Brasil ainda estava sob as ordens de um genocida e negacionista, ou seja, tivemos um “adicional de insalubridade”. Como é que a gente vai se curar desse trauma da pandemia?

– Eu trabalho a saúde e a doença como sendo um processo social, não vejo a doença só na perspectiva do biológico, embora ela o seja. Mas eu a vejo também como um problema social. E esse trauma, que é um trauma social – o Bourdieu [Pierre Bourdier, filósofo francês falecido em 2002] – já fala muito nisso, Fanon [Frantz Fanon, psiquiatra e filósofo] no livro “Os condenados da Terra”... Vivemos as 700 mil mortes absolutamente de forma irregular, sabe? Ocorreram as mortes, ficamos confinados, isso é um trauma que a pandemia pode nos trazer, nos deixou de legado muito mais cuidado social com a transmissão das doenças, muito mais respeito ao coletivo e ao outro ou a outra, porque a máscara é um sinal de respeito. Quando você está tossindo ou resfriada, por que não sai de máscara? Esse é o legado social.

O outro legado social muito grande é a importância da educação, porque a educação foi destruída, usada na época da dor, do inominável. Mas na época da pandemia, as crianças foram as mais afetadas sem aula nessa perspectiva do social e, por consequência disso, as mulheres. O confinamento trouxe tripla tarefa para as mulheres que já cuidavam de casa, das crianças e dos idosos. É aí que surge planetariamente o conceito de política de cuidados. Isso é um legado histórico enorme, porque o cuidado deixou de ser naturalizado. É isso

que as mulheres feministas fizeram, sobretudo nós, da área da saúde. A desnaturalização do cuidado como sendo de responsabilidade única da mulher e passando para uma política do cuidado, que é responsabilidade do Estado, da sociedade e da família e da mulher. E nos mostrou também a falta de creches, a falta de escola e o acesso da população idosa a equipamentos de acolhimento. Não essas casas que a família joga, os idosos que não tem depósito. Seu legado muito grande, na minha perspectiva, deixou um legado muito violento da perda

**TENHO MUITO
ORGULHO DE TER
79 ANOS, COM
MUITA LUTA, MUITA
DETERMINAÇÃO, E
ENERGIA, E VER O
RESGATE HISTÓRICO
DA LIBERDADE NO
NOSSO PAÍS**

social do novo. E acho que este governo do presidente Lula está tentando e está conseguindo retomar hoje, com a aprovação da política do salário-mínimo como política de Estado,

– Você é da geração jovem em 1964, viveu o trauma do golpe, mas também, paradoxalmente, no momento posterior, um período de efervescência política e cultural do Brasil até 1968.

Como aquilo que aconteceu nos anos 1960 ainda reverbera no imaginário político e cultural?

– Foi um privilégio, sobretudo porque eu sou da geração que foi à luta, que esteve em todos os momentos, no mesmo tempo que estava nos festivais, estava na luta, tudo a gente fazia um espaço de luta cultural muito grande. Você vê Milton Nascimento, Elis Regina e Rita Lee, Gal Costa, Maria Bethânia, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Paulinho da Viola, Chico Buarque... O Zé Kéti. Como não falar de Zé Kéti, da Zezé Motta... Foi um período muito importante, reverbera até hoje e, naquele momento, reverberou na resistência. Quero deixar inclusive um tributo aqui a todos os artistas, homens e mulheres, seja do palco, da voz, do canto, da dança... Tiveram um papel fundamental, um lugar de destaque absoluto, foram nossos porta vozes. Agora tem Margareth Menezes no Ministério da Cultura, com a força que ela traz da mulher negra, do canto negro, do canto nordestino, do canto baiano... É muito forte isso. O Brasil é uma reverberação através através da música, através da cultura. Infelizmente perdemos alguns: a Gal Costa, Rita Lee, o Erasmo Carlos, o Aldir Blanc... Vivemos um deserto, mas semeamos na resistência e estamos colhendo agora com Lula todas as sementes da liberdade que plantamos na resistência. Estamos colhendo. E eu tenho certeza que o jardim da sociedade está florescendo. É uma primavera de agora, uma nova primavera depois do golpe. Eu quero até terminar dizendo que eu tenho muito orgulho de ter 79 anos, com muita luta, muita determinação, muita energia e a oportunidade que a vida me deu de ser mulher ativa nesse momento de resgate histórico da liberdade no nosso país. Para mim é um privilégio histórico viver novamente um terceiro mandato do presidente Lula. •

XV BRICS SUMMIT BRICS LEADERS RETREAT

BRICS and Africa: Partnership for Mutually Accelerated Growth, Sustainable Development and Inclusive Multilateralism

22 AUGUST 2023, JOHANNESBURG, SOUTH AFRICA



Ricardo Stuckert

ÉRAMOS CINCO

Os BRICS são agora o grande bloco do Sul Global, detendo as maiores reservas de petróleo, gás e alimentos do planeta. Cúpula é histórica e marca o ingresso de Arábia Saudita, Argentina, Egito, Etiópia, Irã e Emirados Árabes Unidos

A mídia global acompanhou com atenção a 15ª Reunião de Cúpula do BRICS – o grupo de países formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul. Os líderes das cinco nações anunciaram a entrada de seis novos países: Arábia Saudita, Argentina, Egito,

Etiópia, Irã e Emirados Árabes Unidos. Com a ampliação, o bloco de nações que expressam a força do Sul Global ganha mais relevância, a partir de 1º de janeiro de 2024, quando as 11 nações – ou o BRICS Plus ou BRICS+ – passam a deter as maiores reservas de petróleo, gás natural e alimentos do planeta. “Éramos chamados de terceiro

mundo. Agora somos Sul Global. É um passo importante porque o mundo está mudando. A geopolítica começa a mudar e a gente ganha consciência que os países em desenvolvimento precisam se organizar. Queremos garantia que sejamos ser tratado em igualdade de condições”, comentou o presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

LULA, SOBRE A NOVA ORDEM MUNDIAL: "A RELEVÂNCIA DO BRICS É CONFIRMADA PELO INTERESSE CRESCENTE QUE OUTROS PAÍSES DEMONSTRAM DE ADESÃO AO AGRUPAMENTO"



O presidente da China, Xi Jinping, descreveu a expansão como "histórica". Ele foi o principal defensor da admissão de novos membros, apresentando um BRICS ampliado como uma maneira de o Sul Global ter uma voz mais forte nos assuntos mundiais. Lula também ressaltou que a mudança é relevante.

"Neste mundo em transição, o BRICS nos oferece uma fonte de soluções criativas para os desafios que enfrentamos. A relevância do BRICS é confirmada pelo interesse crescente que outros países demonstram de adesão ao agrupamento. Entre os vários resultados da cúpula de hoje, resalto a ampliação do BRICS, com a inclusão de novos membros", declarou.

Vladimir Putin não compareceu pessoalmente à cúpula de três dias, pois enfrenta um mandado de prisão emitido pelo tribunal penal internacional, mas a ampliação do BRICS dá um impulso a ele, enquanto luta contra o esforço liderado pelos EUA para isolar Moscou e forçar a retirada e o fim da guerra.

Essa é a primeira grande expansão do BRICS desde 2011, quando ocorreu a entrada da África do Sul. Com a participação dos novos membros, o BRICS terá cer-

ca de 46% da população e quase 36% do PIB global em paridade de compra. A adesão foi oficializada na Declaração de Joanesburgo, documento acordado entre todos os atuais integrantes do bloco.

Arábia Saudita, Rússia, China, Irã e Emirados Árabes estão entre os oito maiores produtores de petróleo do mundo. Quanto ao gás natural, Rússia, Irã, China e Arábia Saudita estão entre os principais. Por sua vez, China, Índia, Brasil e Rússia são expoentes na produção agrícola global.

A mídia internacional destaca que o BRICS passa a exercer enorme influência e é a marca de um novo grupo. Mais de 40 países manifestaram interesse em aderir ao BRICS, e o tema esteve entre os principais debates da cúpula de Joanesburgo, que também definiu os critérios para a futura entrada de novas nações no bloco.

Outro anúncio da Declaração de Joanesburgo é a de que os bancos centrais e ministérios da Fazenda e Economia de cada país ficarão responsáveis por realizar estudos em busca da adoção de uma moeda de referência do BRICS para o comércio internacional, diferente do dólar. "Essa medida poderá aumentar nossas opções de pagamento e reduzir nossas

vulnerabilidades", destacou Lula.

O grupo também acordou seguir em busca de uma reforma da ONU, especialmente em relação ao Conselho de Segurança da organização, para torná-la mais "democrática, representativa, efetiva e eficiente". O BRICS defende aumentar a "representação dos países em desenvolvimento na composição do conselho para que ele possa responder adequadamente aos desafios predominantes globais".

A declaração manifesta apoio às "aspirações legítimas de países emergentes e em desenvolvimento da África, Ásia e América Latina de desempenharem um papel maior nos assuntos internacionais, particularmente nas Nações Unidas, inclusive no Conselho de Segurança".

Lula destacou que os países do BRICS seguirão na defesa de temas que impactam diretamente na qualidade de vida das populações do bloco, como o combate à fome, à pobreza e a promoção do desenvolvimento sustentável. "Que o BRICS continue sendo força motriz de uma ordem mundial mais justa e ator indispensável na promoção da paz, do multilateralismo e na defesa do direito internacional", disse.

LULA FAZ CRÍTICAS À GOVERNANÇA DAS NAÇÕES UNIDAS

Com críticas à governança global, aos países ricos e ao sistema financeiro internacional, Lula defende que o modelo multilateral do comércio seja reavivado para que volte a ser indutor de relações justas, previsíveis, equitativas e não discriminatórias entre os países. Lula discursou durante a sessão plenária aberta da 15ª Cúpula do BRICS, em Joanesburgo, na África do Sul.

“Em poucos anos, retrocedemos de uma conjuntura de multipolaridade benigna para uma que retoma a mentalidade obsoleta da Guerra Fria e da competição geopolítica”, afirmou o presidente, durante a sessão com os líderes dos demais países que compõem o BRICS – Rússia, Índia, China e África do Sul. “Essa é uma insensatez que gera grandes incertezas e corrói o multilateralismo. Sabemos bem onde esse caminho pode nos levar. O mundo precisa compreender que os riscos envolvidos são inaceitáveis para a humanidade”.

Como exemplo, o chefe do governo brasileiro citou a guerra na Ucrânia. “Não podemos nos furtar a tratar o principal conflito da atualidade, que ocorre na Ucrânia e tem efeitos globais. O Brasil tem uma posição histórica de defesa da soberania, da integridade territorial e de todos os propósitos e princípios das Nações Unidas. Achamos positivo que um número crescente de países, entre eles os países do BRICS, também esteja engajado em contatos diretos com Moscou e Kiev”, afirmou Lula. •

Um dos compromissos de Lula na quinta-feira, 24, foi a participação no evento Diálogo de Amigos do BRICS, que reuniu lideranças de mais de 40 países interessados em participar do grupo. Na ocasião, o presidente lembrou que o Brasil vai assumir a presidência do G20 em dezembro e quer recolocar a redução das desigualdades no centro da agenda internacional.

“A presença, aqui, de dezenas de líderes do Sul Global mostra que o mundo é mais complexo do que a mentalidade de Guerra Fria que alguns querem restaurar”, disse. “Em vez de aderir à lógica da competição, que impõe alinhamentos automáticos e fomenta desconfianças, temos de fortalecer nossa colaboração. Um mundo com bem-estar para todos só é possível com uma ordem internacional mais inclusiva e solidária”.

Lula ressaltou que a discussão passa, necessariamente, por uma maior representatividade para a África. “Por isso defendemos o ingresso da União Africana como membro do G20”, disse. “Com minha vinda à África do Sul, pretendo inaugurar uma nova agenda de cooperação entre o Brasil e a África”. Em Angola, Lula convidou o presidente João Lourenço para participar da reunião do G20 no próximo ano.

De acordo com o presidente, muitas das respostas para a construção de um mundo mais equitativo estão na África. “A Covid-19 ceifou milhões de vidas, mas – apesar dos obstáculos injustificáveis ao acesso a vacinas – a África apresentou taxas de mortalidade baixas. Enquanto preocupações de segurança limitam cada vez mais o compartilhamento de tecnologias, a União Africana lança estratégia de transformação digital e centenas de startups e centros de inovação surgem na África”, destacou.

Ele acrescentou que, ao mesmo tempo em que proliferam me-

didadas unilaterais que ameaçam a integridade do regime comercial, o continente africano se transforma na maior área de livre comércio do planeta, com 1,3 bilhão de pessoas e um PIB combinado de US\$ 3,4 trilhões.

“À medida que órgãos multilaterais falham ao responder a ameaças à paz, a União Africana assume crescente protagonismo na resolução de conflitos. De um lado, alianças excludentes renascem e acirram tensões, e, de outro, países africanos e latino-americanos se unem para preservar a Zona de Paz e Cooperação do Atlântico Sul”, afirmou o presidente.

Para a Argentina, enfrentando problemas econômicos, a adesão do país ao BRICS representa uma potencial tábua de salvação para escapar da crise em aprofundamento. O presidente Alberto Fernández disse que representava um “novo cenário” para o país. “Abrimos nossas possibilidades de ingressar em novos mercados, de consolidar mercados existentes, de aumentar o investimento, de criar empregos e aumentar as importações”, declarou.

A Etiópia se tornou o único país de baixa renda do grupo. O primeiro-ministro Abiy Ahmed descreveu isso como “um grande momento” para seu país.

Quase duas dúzias de países se candidataram formalmente para se juntar ao grupo, mas tinha que haver consenso entre os cinco membros para que os países candidatos fossem admitidos. O presidente da África do Sul, Cyril Ramaphosa, disse que os membros concordaram com “os princípios orientadores, padrões, critérios e procedimentos do processo de expansão da Brics”. No entanto, esses critérios não foram explicados. A Indonésia, por exemplo, com uma população de 274 milhões e uma força poderosa na Ásia, se candidatou para se juntar, mas não foi admitida. •



SINTONIA Dilma conversa com Xi Jinping, durante reunião dos BRICS em Joanesburgo. Ela anunciou R\$ 8 bilhões de novos empréstimos

NDB QUER REDUZIR A DEPENDÊNCIA DO DÓLAR

Em seu discurso na 15ª Cúpula dos BRICS, Dilma Rousseff diz que o Novo Banco de Desenvolvimento está bem capitalizado, com alavancagem baixa, e tem condições para expandir seu papel como ferramenta de apoio aos projetos de desenvolvimento dos 11 países

O Banco dos BRICS vai bem, obrigado. À frente do Novo Banco de Desenvolvimento, a organização financeira multilateral criada por ela em 2014 e os outros líderes do bloco, quando estava à frente da Presidência do Brasil, Dilma Rousseff anunciou perante os presidentes do Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul, que o banco quer conceder empréstimos entre US\$ 8 bilhões e US\$ 10 bilhões ainda este ano.

“Ao lado do reforço de nossa presença nos mercados financeiros tradicionais, o NDB reconhece a importância central de multiplicar as relações da instituição com investidores em todo o Sul Global: na Ásia, onde estão nossos escritórios; no Oriente Médio; na África; e na América Latina”, disse.

“Nosso objetivo é alcançar cerca de 30% de tudo o que emprestamos em moeda local”.

O banco de desenvolvimento criado pelos BRICS planeja conceder empréstimos nas moedas sul-africana e brasileira como parte de um plano para reduzir a dependência do dólar e promover um sistema financeiro internacional mais multipolar. Ela está animada em ajudar os países que estão ingressando no bloco. “A inclusão de novos membros ganha impulso para a vocação do NDB de funcionar como uma verdadeira plataforma de cooperação entre os países do Sul Global”, disse.

Dilma falou para os presidentes Luiz Inácio Lula da Silva (Brasil), Vladimir Putin (Rússia), Narendra Modi (Índia), Xi Jinping

(China) e Cyril Ramaphosa (África do Sul), na abertura da reunião da Cúpula em Joanesburgo. O discurso foi elogiado pelos líderes das nações e analistas internacionais.

“O Novo Banco de Desenvolvimento do BRICS, que já se tornou uma alternativa às instituições de desenvolvimento ocidentais existentes, tem um grande papel a desempenhar nos esforços para a cooperação entre as cinco nações”, disse Vladimir Putin.

A expansão dos empréstimos em moeda local apoia um objetivo mais amplo acordado pelas nações Brics de incentivar o uso de alternativas ao dólar em transações comerciais e financeiras. O NDB já emprestou US\$ 33 bilhões para projetos de infraestrutura e desenvolvimento sustentável e incorporou nações que ainda não integravam o grupo, como Egito, Bangladesh e Emirados Árabes Unidos como membros adicionais, e o Uruguai nos estágios finais de admissão.

Rousseff disse que o empréstimo em moeda local permitiria que os mutuários nos países membros evitem o risco cambial e as variações nas taxas de juros dos EUA. “As moedas locais não são alternativas ao dólar”, disse. “Eles são alternativas a um sistema. Até agora, o sistema tem sido unipolar. Será substituído por um sistema mais multipolar”.

No discurso que fez na Cúpula dos BRICS, Dilma foi cristalina ao apontar que o banco terá um papel importante na nova geopolítica que se apresenta. “O NDB não pode agir sozinho. Precisamos trabalhar cada vez mais de perto e diretamente com nossos países membros para identificar melhor suas necessidades mais significativas e direcionar nosso apoio a projetos que tenham maior eficácia e impacto”, declarou. “Estou confiante de que, juntos, poderemos realizar essa visão”. •



SUL GLOBAL Na foto oficial, os líderes dos países emergentes Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul posam...

GIGANTES DO PETRÓLEO

Com a adesão dos principais exportadores de petróleo ao BRICS, as liquidações em moeda local, em vez do dólar americano, podem vir a se consolidar e marcar a ascensão do Sul Global. Assistimos ao redesenho da ordem mundial

Com a adesão do Irã, da Arábia Saudita e dos Emirados Árabes Unidos aos BRICS – o grupo formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul –, o mecanismo multilateral inclui agora os principais produtores e importadores globais de petróleo do planeta. Analistas chineses apontam que a adoção mais ampla de moedas locais para o comércio entre os países BRICS, em vez de utilizar o

dólar americano, parece ser uma solução natural, porque está baseada em recursos reais e concretos.

É como se fosse a volta do padrão ouro para a emissão de moeda. A mudança antecipa o fim do mundo desenhado após o fim da Segunda Guerra Mundial, com o acordo de Bretton Woods. Há quem diga que assistimos ao crepúsculo do fim do petrodólar e a ascensão do petroyuan. Isso sem falar na possibilidade do nasci-

mento de uma moeda-BRICS.

Tudo porque a família BRICS está crescendo. Seis candidatos ao grupo criado há 15 anos – Argentina, Egito, Etiópia, Irã, Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos – serão admitidos como membros do grupo em 1º de Janeiro de 2024. O anúncio foi feito pelo presidente sul-africano Cyril Ramaphosa, na quinta-feira, 24, na cúpula realizada em Joanesburgo, ao lado do presidente do Brasil, Lula da Silva.



...ao lado dos novos membros da família: Argentina, Egito, Etiópia, Irã, Arábia Saudita e Emirados Árabes

De acordo com o *Global Times*, um membro da indústria petrolífera com sede em Xangai avalia que ter produtores e consumidores de petróleo como membros estabelecerá uma base para os membros do BRICS usarem moedas locais na liquidação de operações comerciais, o que pode definitivamente reduzir os custos de transação. Isso é que parece marcar começo do ocaso do crepúsculo do dólar.

Em agosto, os países que manifestaram interesse em aderir aos BRICS representavam 60% das reservas mundiais conhecidas de petróleo e gás. "Se levarmos em conta os outros blocos comerciais dos quais cada um dos atuais cinco países do BRICS é membro, bem como os países que estão dispostos a aderir ao BRICS, é suficiente construir um sistema monetário transnacional

independente. O comércio de petróleo pode quebrar o domínio do petrodólar usando a liquidação em moeda local", avalia.

Os líderes do BRICS enfatizaram a importância de incentivar o uso de moedas locais no comércio internacional e nas transações financeiras entre os países do BRICS, bem como seus parceiros comerciais. A ideia é incentivar o fortalecimento das redes de correspondentes bancários entre os países do BRICS e de permitir liquidações em moedas locais, de acordo com a declaração de Joanesburgo, divulgada durante a 15ª Cúpula, encerrada na quinta-feira, 24.

Até agora, o volume de transações dentro dos BRICS utilizando dólares americanos e euros continuam a diminuir, mostram dados abertos. A partir do momento em que o petróleo

e outras mercadorias são negociadas diretamente em moedas diferentes do dólar, a função dos títulos do Tesouro dos EUA como reservas cambiais será irreversivelmente enfraquecida, uma vez que o petróleo, a mercadoria energética mais importante comercializada, sempre esteve ligado ao estatuto da moeda de reserva global.

"A venda de dólares americanos e títulos do Tesouro dos EUA será acelerada", disse o analista de mercado baseado em Xangai. Na verdade, emergiu gradualmente uma tendência de redução das participações em títulos do Tesouro dos EUA.

As participações da Arábia Saudita em títulos do Tesouro dos EUA caíram para o mínimo de seis anos, para US\$ 108,1 bilhões em junho. A venda líquida acumulada de dívida dos EUA é de qua-

se US\$ 80 bilhões. Os Emirados Árabes Unidos também venderam quase US\$ 4 bilhões em dívida dos EUA no total, de acordo com dados do Departamento do Tesouro, em Washington.

Analistas notam que a tendência de desdolarização é, na verdade, o fruto amargo da própria criação dos EUA. Nos últimos anos, as sucessivas sanções financeiras unilaterais estadunidenses apontaram cada vez mais a países da necessidade e urgência da desdolarização, que se tornou agora um consenso geral, conforme apontam o Lula e outros líderes dos BRICS.

“Já ultrapassamos o G7 e respondemos por 32% do PIB mundial em paridade do poder de compra. Projeções indicam que os mercados emergentes e em desenvolvimento são aqueles que apresentarão maior índice de crescimento nos próximos anos”, destacou o líder brasileiro durante a reunião de Joanesburgo.

Segundo o FMI, enquanto os países industrializados devem desacelerar o crescimento de 2,7%, em 2022, para 1,4% em 2024, o crescimento previsto para os países em desenvolvimento é de 4% neste ano e no próximo. “Isso mostra que o dinamismo da economia está no Sul Global e o BRICS é sua força motriz”, destacou.

A mesma posição foi compartilhada pelo líder russo, Vladimir Putin. Na sua intervenção, o presidente da Federação Russa disse que é um processo “irreversível” a desdolarização da economia mundial, isto é, que o dólar norte-americano deixe de ser a moeda preferencial nas trocas comerciais.

“Esta cúpula serve para discutir a transição detalhada para as moedas nacionais para as trocas entre os nossos países”, defendeu, dizendo que o Banco dos BRICS – liderado pela ex-presidenta Dilma

DILMA ROUSSEFF: “O NDB É PARTE FUNDAMENTAL DO DESEJO DE CRIAR UMA NOVA ARQUITETURA FINANCEIRA. NÃO ESTAMOS SOZINHOS NA EMPREITADA”

Rousseff – terá um “papel enorme a desempenhar neste esforço”.

Putin não esqueceu a situação atual, criticando as sanções ocidentais contra o seu país e alegando que “são os países mais vulneráveis que estão a ser atingidos de forma mais dura”. A própria Dilma entrou no assunto. Ela declarou em Joanesburgo que o mundo passa por um momento muito difícil.

“Vivemos a combinação de uma grave crise climática, um aumento brutal da desigualdade, baixo crescimento, protecionismo com fratura das cadeias globais de valor e conflitos geopolíticos de todos os tipos, ademais de protecionismo, sanções e fragmentação geopolítica”, disse. Ela reforçou que o Novo Banco de Desenvolvimento, criado há oito anos em Fortaleza (CE), é uma instituição que vai atuar para reforçar a nova realidade.

“É urgente uma nova arquitetura financeira que canalize os recursos necessários para expandir a infra-estrutura físi-

ca e digital, viabilize a ampliação da educação e apoie o empreendedorismo. O NDB, o chamado Banco dos BRICS, é parte fundamental desta solução. Nós não estamos sozinhos nessa empreitada”, declarou. “O NDB é o primeiro banco de desenvolvimento criado por e para economias emergentes. Enquanto plataforma multilateral, o NDB tem como principal objetivo promover o crescimento econômico sustentável e inclusivo, financiando projetos de infraestruturas e de desenvolvimento sustentável”.

O dólar americano tem sido sustentado há muito tempo pela confiança global na dívida dos EUA. Mas os EUA prejudicaram o resto da economia mundial através de uma flexibilização quantitativa ilimitada e de aumentos acentuados e massivos das taxas de juro. Deve-se dizer que os EUA estão sacando o crédito do dólar americano, disse um diretor de empresa de valores mobiliários com sede em Pequim ao *Global Times*.

“No passado, provavelmente não havia alternativa melhor ao dólar americano, e o forte poder econômico dos EUA permitiu que o dólar continuasse a manter a sua hegemonia. Agora as coisas mudaram. Por exemplo, o NDB oferece um ambiente de liquidação em moeda local para reduzir o custo e a complexidade do comércio transfronteiriço”, declarou a fonte ao GT.

Ele também observa que a situação do dólar é afetada pela instabilidade política e econômica nos EUA. O elevado nível da dívida pública norte-americana e a incerteza sobre o crescimento da economia estadunidense levarão a um declínio no valor do dólar. É natural que outros países queiram reduzir a sua dependência do dólar para reduzir esse risco. •

LULA E A EXPLOSÃO DOS BRICS

A expansão do grupo nascido em 2008 revela a falência do multilateralismo criado com o acordo de Bretton Woods, no mundo pós-Segunda Guerra Mundial. O jogo agora é outro

Luis Nassif

Um dos pontos mais burlescos, na discussão sobre os BRICS – Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul – é a colocação de grupos de ditaduras contra as democracias do G7. Ou a suposição de que, por dispor da maior reserva de petróleo e de alimentos, os países do BRICS montariam uma frente contra os Estados Unidos.

Há um desconhecimento amplo sobre o funcionamento de organismos multilaterais. Cada país tem sua política interna, sua política externa, seus interesses regionais. Só faltava, agora, uma organização multilateral, como os BRICS, articulando as políticas nacionais.

Ou então, como o articulista do “Estadão” supondo que o Brasil estaria apoiando o BRICS apenas para obter apoio para fazer parte do Conselho de Segurança da ONU. Como se a lógica do BRICS fosse servir de escada para a ONU.

O BRICS é consequência direta da falência do multilateralismo criado com o acordo de Bretton Woods. Pelo acordo, haveria um controle do fluxo de capitais, impedindo ataques especulativos a moedas. Países em dificuldades com as contas externas receberiam ajuda financeira do Fundo Monetário Internacional (FMI), mediante várias condicionantes, e, depois, financiamentos do Banco Mundial, para investimentos estruturantes.

Com o fim da paridade dólar-ouro, nos anos 70, e com a financeirização selvagem que se seguiu, o FMI tornou-se um mero porto seguro para especuladores.

É só conferir o que aconteceu com o Brasil em fins de 1998. O câmbio apreciado produziu um desequilíbrio nas contas externas. O FMI ajudou com um empréstimo de emergência. Em vez de reservá-lo para importações essenciais, o então Ministro da Fazenda, Pedro Malan, utilizou para garantir uma saída segura para os especuladores.

Na crise de 2008, o papel do FMI e dos bancos centrais ficou mais nítido, quase destruindo países para preservar interesses da banca.

Na crise de 2002, o Banco Latinoamericano de Comércio Exterior (Bladex) foi mais útil para garantir dólares para o Brasil do que todo o sistema FMI.

Mais que isso, em todo período de auto-estima nacional, a autonomia na diplomacia externa foi ponto

de honra. Foi assim com Juscelino Kubitschek, quando Augusto Frederico Schmidt planejou a Operação Panamericana.

Ou mesmo na ditadura militar, com o chanceler Azeredo da Silveira articulando com países do sul. E, especialmente, após o advento da era Lula-Celso Amorim, na qual o Brasil assume um protagonismo mundial inédito.

Lembro-me das conversas com André Araújo – que tinha relações estreitas com o Departamento de Estado norte-americano. Ele mostrava a decepção com a busca de protagonismo pelo Brasil. De fato, o soft power brasileiro se espalhava pela África, pela América Latina, eram implantados escritórios da Embrapa em países africanos. E os americanos decepcionados. Tinham reservado para o Brasil o papel de representante maior da diplomacia estadunidense para o Sul Global, e o Brasil queria atuar por conta própria.

Nos seus dois governos, Lula conseguiu consolidar uma dimensão internacional. Teria tido papel central na tentativa de um acordo nuclear entre EUA e Irã, não fosse o recuo vergonhoso de Obama. Mas conseguiu o feito de desfilar em carro aberto em Israel e na Palestina, mostrando seu papel de agente da paz mundial.

O BRICS visará reconstituir o papel perdido do Banco Mundial. Visará trazer alternativas ao dólar, obter financiamentos aos países membros, criar formas de facilitar o comércio entre eles. E obrigará o sistema FMI-Banco Mundial a reagir, voltando a recuperar parte da relevância que tiveram em outros tempos. •

COM O FIM DA
PARIDADE DÓLAR-
OURO, NOS ANOS
70, E COM A
FINANCEIRIZAÇÃO
SELVAGEM QUE
SE SEGUIU, O FMI
VIROU PORTO PARA
ESPECULADORES



LULA RETOMA PARCERIA COM ANGOLA

RECEPÇÃO CALOROSA Lula foi homenageado por José Lourenço, com quem assinou acordos de cooperação

Dando continuidade à sua política de reconstrução dos laços do Brasil com o continente africano, Planalto estreita parceria econômica e cultural com Luanda, abandonada depois do Golpe de 2016. E anuncia campanha mundial contra a desigualdade

O Brasil está de volta à África para estreitar ainda mais os laços com o continente. Depois da visita a Joanesburgo, na África do Sul, onde participou da 15ª Cúpula BRICS, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva foi a Luanda na última quinta-feira, 24, para uma visita oficial de dois dias com agenda intensa a fim de retomar a relação com Angola, abandonada depois do Golpe de 2016.

“Um país irmão, com quem compartilhamos a mesma lín-

gua, muita história e laços de sangue e cultura em comum”, disse. “Temos um potencial enorme em nossas relações, que tinham sido negligenciadas nos últimos anos”. Lula participou de reuniões com o presidente João Lourenço, visitou a Assembleia Nacional, assinou acordos de cooperação e ainda participou de seminário com 500 empresários angolanos e brasileiros.

Ele foi condecorado com a Ordem Dr. António Agostinho Neto por João Lourenço. “É muito honroso, para um homem que

faz política há 50 anos, aos 77 anos, receber uma condecoração que leva o nome de António Agostinho Neto”, disse Lula, lembrando que o líder político liderou a luta pela independência de Angola. “Vou carregar essa medalha com o compromisso de que quem tem uma causa não pode parar de lutar”.

Lula assumiu um compromisso: “Essa ordem aumenta a minha responsabilidade. Agora, eu estou assumindo o compromisso de tentar fazer uma campanha mundial contra a desigualdade

de". Ele declarou que a honraria e a medalha no peito permitam a ele um feito. "Quem sabe alimentado pela inteligência e pelo pensamento revolucionário do Augustinho Neto, eu possa conseguir o intento de convencer a humanidade a se indignar contra a desigualdade", disse.

A visita de Lula a Angola é reflexo da elevada prioridade que o governo brasileiro atribui à relação com o continente africano de forma geral, e com Angola em particular. Isso faz parte da estratégia de Lula de avançar nas relações com países do Sul Global. Ele declarou que o Brasil quer apoiar Angola no esforço de diversificar a sua economia". O líder brasileiro disse que o Brasil é o parceiro ideal para fazer a revolução agrícola em Angola, garantir o crescimento econômico e a segurança alimentar da população.

E enfatizou que Angola agora é um país do Sul Global. A expressão já havia sido usada pelo presidente na saída de Joanesburgo, na quinta-feira, 24. "Eu não sei se vocês se lembram, nós éramos chamados de terceiro mundo. Depois começaram a chamar a gente de países em vias de desenvolvimento", disse. "Agora nós somos o Sul Global. Veja a mudança de nome, pomposo que é. O que é importante é que o mundo está mudando".

A história de amizade e de cooperação entre Brasil e Angola tem se desdobrado em iniciativas no campo da cooperação em defesa, saúde, educação e no campo econômico. É a primeira vez que Lula faz uma visita oficial como chefe de Estado a um país africano depois de assumir o seu terceiro mandato. Desde 2010, os laços com o país vizinho do outro lado do Atlântico foram elevados ao patamar de parceria estratégica, assim como a África do Sul.

Ele já esteve em Angola três vezes em seus governos ante-

riores e foi o primeiro presidente brasileiro a visitar o país, em 2003, no seu primeiro mandato. O país tem 35,6 milhões de habitantes e um PIB de US\$ 125,7 bilhões. Mas o Brasil é o quinto maior fornecedor de produtos aos angolanos, com participação de 4,7% no mercado, de acordo com dados de 2021 divulgados pela Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (ApexBrasil).

O Fórum Econômico Angola-Brasil reuniu executivos brasileiros dos setores de alimentos, produtos farmacêuticos, aviação e máquinas agrícolas. O evento tratou dos desafios e oportunidades de negócios nas áreas de segurança alimentar e agricultura, transição energética, infraestrutura, mineração, saúde, educação e desenvolvimento humano. O Brasil exporta automóveis, calçados, carnes de aves, açúcar, melão, trigo e centeio não moídos para Angola. Já o Brasil importa petróleo e derivados, que têm como destino a Bahia. Angola já é importante mercado para as exportações brasileiras de proteína animal (carne bovina congelada, suína e de aves). Entretanto, soma-se a um grupo importante de países da África e do Oriente Médio, como Egito, África do Sul e Arábia Saudita, que impuseram barreiras às importações de produtos agrícolas como medida de fomento à economia nacional. A oferta de cooperação técnica na área agrícola e a promoção de investimentos brasileiros têm sido objeto de solicitações do governo angolano.

O porto de Luanda é o principal canal de comércio internacional do país, por onde passam cerca de 80% das importações do país. É um dos portos de crescimento mais rápido na África e já funciona como uma porta de entrada para os países vizinhos sem litoral, como a República Demo-

crática do Congo, Zimbábue e Zâmbia. Além disso, no ramo da aviação, a TAAG Angola Airlines é a companhia aérea nacional e uma das mais bem-sucedidas da África. O maior desafio enfrentado pelo setor é a segurança, que é prioridade para o governo.

A infraestrutura angolana foi gravemente danificada pela guerra civil que terminou em 2002. Entretanto, graças às reservas de petróleo, Angola tem os recursos financeiros necessários para expandir a malha de transporte, a fim de melhor conectar suas cidades. A infraestrutura do país está principalmente concentrada em torno da capital Luanda e ao longo da costa.

Uma das prioridades na pauta de cooperação bilateral entre Brasil e Angola é o setor de saúde, que conta com três projetos em execução: criação de Banco de Leite Humano, inaugurado em Luanda, em 2019; implementação de medidas para prevenção e controle do câncer; e aquelas voltadas à atenção integral a pessoas com doença falciforme.

Além disso, estão em negociação novos projetos, que versam sobre diagnóstico de hanseníase, formação médica em cardiologia e combate a HIV/AIDS e tuberculose. Em abril de 2023, durante reunião da Comissão Mista bilateral, foi assinado memorando de entendimento entre os ministérios da Saúde dos dois países.

Atualmente, Brasil e Angola mantêm sete projetos de cooperação ativos e Lula e Lourenço assinaram outros dez acordos nas áreas de saúde e educação, meio ambiente, geoprocessamento, geologia, saúde, energia, urbanização e segurança pública. Além de Angola, o presidente esteve no domingo, 27, em São Tomé, capital de São Tomé e Príncipe, participando 14ª Conferência de chefes de Estado da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). •

TRF1 CONFIRMA: 'FOI GOLPE'

Roberto Stuckert Filho

Justiça Federal mantém decisão que havia sido tomada na primeira instância e exclui ação apresentada pelo MPF contra Dilma Rousseff, Guido Mantega e Luciano Coutinho também foram inocentados. Não houve “pedalada fiscal”. Decisão também beneficiou o ex-secretário do Tesouro Arno Augustin

Em 31 de agosto de 2016, senadores aprovaram, por 61 votos contra 20, o impeachment de Dilma Rousseff, tirando-a da Presidência da República. Ela sustentou seis dias antes perante a nação, que jamais cometera crime e que as chamadas “pedaladas fiscais” eram uma prática comum da administração pública. Sete anos depois, o Tribunal Regional Federal da 1ª Região (TRF1) confirmou o que havia sido declarado pela ex-presidenta.

Ex-ministro da Justiça e advogado de Dilma Rousseff, José Eduardo Cardozo comemorou: “Por unanimidade, o TRF1 negou o re-

curso do Ministério Público Federal, mantendo o arquivamento da ação contra a ex-presidenta Dilma Rousseff e membros do governo. A decisão inocentou Dilma e mostra que o impeachment foi golpe!”

“Foi uma decisão importante. Nunca houve crime. Aquilo que foi feito pelo governo Dilma Rousseff era uma prática que vinha ocorrendo em todos os governos anteriores. A chamada pedalada fiscal era um pretexto para retirar uma presidenta legitimamente eleita por 54,5 milhões”, comentou Cardozo. “Foi um golpe!”

Na segunda-feira, 21, o tribunal manteve a decisão que havia sido tomada na primeira instância, em

setembro de 2022, pela 4ª Vara Federal Cível do Distrito Federal. Naquela ocasião, o juiz Frederico Botelho de Barros Viana negou a ação de improbidade administrativa apresentada pelo Ministério Público Federal (MPF) sobre as “pedaladas fiscais”.

“Claramente, (...) o MPF não atribuiu conduta específica a cada um dos requeridos, procedendo a uma narrativa geral dos fatos que imputa genericamente às pessoas jurídicas. Do mesmo modo, não se verifica a prova da existência de dolo nas condutas noticiadas”, escreveu.

Derrotado na primeira instância, o MPF recorreu ao TRF1, mas

os membros da Corte rejeitaram a apelação. Além de Dilma, foram inocentados pela decisão o ex-ministro da Fazenda Guido Mantega e o ex-presidente do BNDES Luciano Coutinho. A Justiça Federal se mostrou atenta à regularidade dos repasses realizados aos bancos, que tiveram como objetivo impulsionar e recuperar a economia nacional”, afirmou o advogado Angelo Ferraro, do escritório Ferraro, Rocha e Novaes Advogados e representante de Mantega.

“A decisão reconhece a ausência de dolo na atuação dos gestores públicos, chancelando, em linhas gerais, o recente posicionamento do Supremo quanto à necessidade de se comprovar a presença do elemento subjetivo para que ocorra a responsabilização por meio da Lei de Improbidade Administrativa”, declarou.

Além de Dilma, Guido e Coutinho, a decisão do TRF1 também beneficiou o ex-secretário do Tesouro Nacional Arno Augustin e o ex-presidente do Banco do Brasil Aldemir Bendine. “O Judiciário acabou de dar a sua palavra. E o Judiciário disse que foi uma fraude, uma invenção feita à época e já decidiu que a presidente Dilma e muitos outros são inocentes”, disse Augustin.

Após a decisão do TRF1, a presidenta nacional do PT, Gleisi Hoffmann, parabenizou Dilma pelas redes sociais e celebrou a decisão. “Não podemos esquecer no que virou o Brasil depois de 2016: ataques à soberania e aos direitos dos trabalhadores, deterioração das políticas sociais, chegando ao bolsonarismo, que demoliu o Estado e atentou contra a democracia, trazendo preconceito, ódio e violência. Mais do que nunca é preciso reafirmar: foi golpe! Essa notícia nos dá ainda mais esperança no nosso trabalho pela reconstrução do país”, disse. •



Ricardo Stuckert

REPARO À EX-PRESIDENTA

Em Angola, o ex-presidente comenta que decisão judicial reconhecendo que não houve crime cometido pela Dilma precisa ter efeito prático

A Justiça foi feita, mas o presidente Luiz Inácio Lula da Silva avalia que é preciso discutir algum tipo de reparação a Dilma Rousseff, depois que o Tribunal Regional Federal da 1ª Região arquivou o processo das chamadas “pedaladas fiscais”, o pretexto usado em 2016 para tirá-la da Presidência da República.

Em entrevista coletiva em Luanda, capital de Angola, Lula disse Dilma sofreu um impeachment sob uma acusação de um crime que não aconteceu. “Na semana passada, a Justiça Federal em Brasília absolveu a companheira Dilma da acusação que ela tinha feito uma ‘pedalada das contas públicas’”, comentou.

“A Dilma foi absolvida e eu agora vou discutir como é que a gente vai fazer. Não dá para reparar o direito político porque se ela quiser voltar para ser presidente, eu quero terminar o meu man-

dato”, brincou, arrancando risos dos presentes. Mas, falando sério, Lula disse que alguma coisa precisa ser feita. “Quero saber como que se repara uma uma coisa que foi julgada por uma coisa que não aconteceu”.

Na sexta-feira, ainda em Luanda, durante um discurso a mais de 800 empresários que compareceram ao Fórum Econômico Angola Brasil, Lula já havia afirmado que o Brasil devia um pedido de desculpas à ex-presidenta. “O fato da presidente Dilma ter sido absolvida pelo Tribunal Federal de Brasília demonstra que o Brasil deve desculpas à presidente Dilma, porque ela foi cassada de forma leviana”, destacou.

A decisão tomada na última segunda-feira pela 10ª Turma do TRF-1, rejeitou um recurso do Ministério Público Federal (MPF) que questionava o arquivamento em primeira instância da ação. O tribunal seguiu o posicionamento que já havia sido proferido anteriormente. O juiz federal Frederico Botelho de Barros Viana, da 4ª Vara Federal, havia excluído Dilma e o ex-ministro Guido Mantega da ação por considerar que eles não deveriam responder por improbidade administrativa. •

PREÂMBULO PARA AS TREVAS



No discurso de despedida, em 31 de agosto de 2016, Dilma alertou que o país passaria por um período de retrocessos históricos, com piora da vida do povo. Mas anteviu: voltaremos!

Aaprovação do Senado Federal pelo impeachment de Dilma Rousseff, em 31 de agosto de 2016, levou-a a aceitar o afastamento da Presidência da República, mas não sem antes denunciar o processo como um golpe não apenas contra si e o PT, mas sobretudo contra a população e a democracia brasileiras.

“Hoje, o Senado Federal tomou uma decisão que entra para a história das grandes injustiças. Os senadores que votaram pelo impeachment escolheram rasgar a Constituição Federal. Decidiram pela interrupção do mandato de uma Presidenta que não cometeu crime de responsabilidade. Condenaram uma inocente e consumaram um golpe parlamentar”, denunciou.

“Acabam de derrubar a primeira mulher presidenta do Brasil, sem que haja qualquer justificativa constitucional para este impeachment. Mas o golpe não foi cometido apenas contra mim e contra o meu partido. Isto foi apenas o começo. O golpe vai atingir indistintamente qualquer organização política progressista e democrática”, profetizou.

“O golpe é contra os movimentos sociais e sindicais e contra os que lutam por direitos em todas as suas acepções: direito ao trabalho e à proteção de leis trabalhistas; direito a uma aposentadoria justa; direito à moradia e à terra; direito à educação, à saúde e à cultura; direito aos jovens de protagonizarem sua história; direitos dos negros, dos indígenas, da população LGBT, das mulheres; direito de se manifestar sem ser reprimido”,

apontou a então presidenta.

O Brasil pós-golpe foi um festival de atrocidades institucionais e de ataque a direitos consagrados do povo brasileiro. Movimentos populares e sindicais sofreram toda ordem de ataques a seu financiamento e até em sua legitimidade. Nem mesmo a ditadura militar depois de 1964 havia golpeado de maneira tão profunda direitos consagrados, como férias e salário digno. A reforma trabalhista tirou direitos dos trabalhadores e a reforma da Previdência restringiu as possibilidades de aposentadoria. E os programas de moradia popular do governo foram destruídos.

O Ministério da Educação virou um balcão de negociações escusas a aliados do governo, enquanto os alunos brasileiros sofriam atrasos na aprendiza-

gem por conta da pandemia e o orçamento da pasta sofria cortes recorrentes. O Ministério da Saúde, que poderia ter usado o SUS como grande trunfo contra a covid-19, sofreu com falta de recursos, de políticas, de comando e, na prática, colaborou para a morte de milhares de brasileiros. A cultura sofreu com a perda de um ministério, que virou secretaria.

A promessa de Bolsonaro de não demarcar nenhum centímetro de terra indígena, feita ainda durante sua campanha à Presidência, foi cumprida. Os povos originários enfrentam um julgamento fundamental para sua existência: a tese do Marco Temporal está em análise no Supremo Tribunal Federal. Se aprovada, apenas grupos indígenas que estavam em suas terras na promulgação da Constituição terão direito a ter terras demarcadas.

Dilma também anteviu o triunfo da misoginia. “Às mulheres brasileiras, que me cobriram de flores e de carinho, peço que acreditem que vocês podem. As futuras gerações de brasileiras saberão que, na primeira vez que uma mulher assumiu a Presidência do Brasil, a machismo e a misoginia mostraram suas feias faces. Abrimos um caminho de mão única em direção à igualdade de gênero. Nada nos fará recuar”.

Ao mesmo tempo que Dilma, reconheceu a derrota, apontou com esperança para o futuro. “Esta história não acaba assim. Estou certa que a interrupção deste processo pelo golpe de Estado não é definitiva. Nós voltaremos. Voltaremos para continuar nossa jornada rumo a um Brasil em que o povo é soberano”, destacou. Proponho que lutemos, todos juntos, contra o retrocesso, contra a agenda conservadora, contra a extinção de direitos, pela soberania nacional e pelo restabelecimento pleno da democracia”. •



MILIONÁRIO? O caçula do ex-presidente é suspeito de envolvimento em esquema de estelionato, lavagem de dinheiro e sonegação tributária

OS NEGÓCIOS DO 'ZEROQUATRO'

Filho de Bolsonaro, Jair Renan é alvo de operação contra lavagem de dinheiro. Polícia Civil do Distrito Federal executou mandados de busca e apreensão em Brasília e Balneário Camboriú (SC), em endereços dele

A família Bolsonaro ganhou mais um alvo da polícia por suspeita de lavagem de dinheiro, estelionato e sonegação. Assim como os irmãos mais velhos – Flávio, Carlos e Eduardo –, todos suspeitos de crimes contra a administração pública (de apropriação indébita a esquemas de rachadinha, passando por lavagem), o irmão mais novo do clã, Jair Renan, chamado pelo ex-presidente de ZeroQuatro, é também investigado por estelionato, falsificação de documentos, sonegação e lavagem de dinheiro.

Jair Renan foi alvo na quinta-feira, 24, de mandados de busca e apresentação pela Polícia Civil do Distrito Federal. Denominada “Nexum”, a operação policial investiga um grupo suspeito de falsidade ideológica, associação criminosa, estelionato, crimes contra a ordem tributária, lavagem de di-

nhheiro e outros delitos cometidos em prejuízo do erário público. Os policiais cumpriram dois mandados de busca e apreensão e cinco de prisão preventiva em Brasília e em Balneário Camboriú, em Santa Catarina, endereços ligados ao filho mais novo de Jair Bolsonaro.

ZeroQuatro doou uma empresa de eventos que faturava R\$ 4 milhões por ano para um sócio. Para investigadores da polícia, o sócio pode ser um “laranja” e a transação é vista como suspeita de lavagem de dinheiro. A empresa é a RB Eventos e Mídia Ltda., que tinha capital social de apenas R\$ 105 mil, mas faturamento que ultrapassava R\$ 4 milhões. Em março de 2023, a empresa foi transferida para Marco Aurélio Rodrigues – sem nenhum desembolso envolvido.

A investigação que colocou Jair Renan na mira da política é conduzida pela Delegacia de Repressão aos Crimes Contra a Ordem Tribu-

EX-PRIMEIRA-DAMA TIRA UMA ONDA

Michelle anuncia nas redes sociais que pretende criar um novo negócio e que vai abrir a Mijoias. Mas isso não ajuda os problemas do marido com a Justiça

Enquanto o ex-presidente Jair Bolsonaro enfrenta uma série de suspeitas na Justiça Federal, a mulher Michelle Bolsonaro anunciou que pretende lançar uma linha própria de jóias. O anúncio ocorreu no sábado, 26, numa tentativa de ironizar as investigações envolvendo o marido.

Michelle afirmou que os holofotes sobre as suspeitas acerca da venda de jóias recebidas como presente pelo ex-presidente estão sendo usados para desviar as atenções da CPI dos Ataques à Democracia, como se o episódio



ocorrido em 8 de janeiro na tentativa de um golpe de Estado pudesse ser favorável a Bolsonaro.

“‘E as jóias?’, ‘como assim não entregaram as jóias?’. Querem isso para desviar o foco da CPI”, disse. Ela subiu ao palco para discursar no encontro de mulheres do PL em Pernambuco. “Cadê as jóias? Querido, está na Caixa Econômica Federal. Mas vocês pediram tanto

que, em breve, teremos um lançamento, Mijoias para vocês”.

As investigações da Polícia Federal (PF) indicam que ex-ajudante de ordens do então presidente, o tenente-coronel Mauro Cid e o pai dele, general Mauro Cid, teriam atuado para levar jóias recebidas como presente de outros chefes de Estado e as venderam nos Estados Unidos por US\$ 60 mil.

tária. Policiais identificaram como mentor do esquema de estelionato Maciel Carvalho, ex-empresário de Jair Renan, que tem vários registros criminais por falsificação ideológica de documentos, corrupção ativa e disparo de arma de fogo. O segundo foco do mandado de prisão é Eduardo dos Santos, procurado pela polícia por homicídio.

Em nota, a Polícia Civil do DF informa que os mandados visam “reprimir a prática, em tese, de crimes contra a fé pública e associação criminosa, além de crimes cometidos em prejuízo do erário do Distrito Federal”. Segundo a polícia, investigadores apontam a existência de uma associação criminosa para obter indevida vantagem econômica pela inserção de um terceiro, ‘testa de ferro’ ou ‘laranja’, para ocultar o verdadeiro proprietário das em-

presas de fachada ou ‘fantasmas’ utilizadas pelo alvo principal e seus comparsas”.

Preso em janeiro deste ano, Maciel foi empresário e instrutor de tiros de Jair Renan. As investigações apontaram que o grupo criou uma falsa identidade em nome de Antônio Amâncio Alves Mandarrari com finalidade de abrir contas bancárias, empresas e forjar falsas declarações de faturamento, além de movimentações financeiras suspeitas entre os alvos, inclusive com remessas para o exterior.

Os mandados de busca e apreensão no Distrito Federal foram executados em Águas Claras e no Sudoeste em detrimento de Maciel Carvalho e dois comparsas, um dos quais figura como “testa de ferro” proprietário das empresas. A polícia cumpriu ainda mandados na Asa Sul no mesmo endereço em que está registrada

empresa vinculada ao principal investigado na operação e outra ligada a um dos demais envolvidos, alvo de busca em sua residência em Balneário Camboriú (SC).

A ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro se manifestou nas redes sociais após a ação policial contra o caçula do marido. Ela usou seu perfil no Instagram para compartilhar uma mensagem de agradecimento. “Senhor, obrigada por mais este dia. Que os teus olhos estejam sobre nós”, afirmou, em uma publicação no Instagram.

A relação entre ZeroQuatro e Michelle nunca foi boa e, no ano passado, ambos trocaram críticas nas redes sociais. A ex-primeira-dama chegou a criticar Cristina Valle, mãe de Jair Renan, por utilizar o sobrenome Bolsonaro durante as eleições para disputar uma vaga de deputada distrital na Câmara do DF. •

SINTONIA COM O FUTURO

O lançamento do Novo PAC, o programa que vai permitir ao país retomar os investimentos, gerar empregos e renda e reduzir as desigualdades é um acerto de Lula

Zeca Dirceu

Em quase oito meses de governo, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva já conseguiu tirar o Brasil do atoleiro em que se encontrava, garantindo dias melhores no presente e pavimentando o caminho para um futuro melhor em bases socialmente justas, duradouras e sustentáveis. O marco dessa guinada é o lançamento do estratégico Novo Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), que alicerça o desenvolvimento econômico e social do país, gerando emprego e renda e reduzindo as desigualdades sociais e regionais.

Amparado na meta de alcançar desenvolvimento com sustentabilidade, o programa resgata o planejamento para a execução de ações estratégicas em nível nacional e é também peça central na recuperação da capacidade do Estado de atuar como indutor do desenvolvimento. Um país com a complexidade do Brasil jamais poderia abrir mão do papel do Estado na implementação de políticas públicas e em investimentos, em parcerias com a iniciativa privada.

Entre 2016, quando houve o golpe contra a presidenta Dilma Rousseff, e o ano passado, o montante de investimento público no país caiu ao mais baixo nível nos últimos 50 anos. Agora, com o



Novo PAC, os investimentos retornam em valores superlativos até 2026, com um total de R\$ 1,7 trilhão: R\$ 612 bilhões da iniciativa privada, R\$ 371 bilhões do Orçamento da União, R\$ 343 bilhões das estatais e R\$ 362 bilhões em financiamento.

Além do impulso ao desenvolvimento, é preciso destacar aspectos inovadores do programa que foi a marca dos dois primeiros mandatos de Lula e no período de Dilma. Como mudança principal, a transição energética, com os investimentos futuros em fontes de energia limpa e renovável, e efetivação de compromissos do governo Lula com a transição ecológica. Essas mudanças coadunam-se com os objetivos do atual governo de colocar o Brasil como referência na questão ambiental e em sintonia fina com os compromissos mundiais de enfrentamento ao aquecimento global.

Todos os esforços serão empreendidos, de forma planejada, para a fabricação de combustíveis com baixo carbono, investimentos em projetos direcionados a garantir cidades mais sustentáveis e resilientes e também a melhorar a mobilidade urbana, inclusive com a renovação da frota de ônibus, com veículos movidos a energia limpa.

Os nove eixos do Novo PAC são abrangentes, e incluem ainda, entre outras áreas, educação, ciên-

cia e tecnologia; saúde; infraestrutura social inclusiva; urbanização de favelas, revitalização de bacias hidrográficas, conexão de todas as escolas públicas do País à internet de alta velocidade, além de projetos em rodovias, portos e aeroportos e moradia.

A configuração do Novo PAC inclui a recuperação do parque industrial brasileiro, que leve em conta os novos parâmetros ambientais, e estímulo governamental nas compras públicas a produtos de conteúdo nacional. Nesse sentido, vale salientar o resgate da Petrobras como empresa vital para o desenvolvimento nacional

A estatal, que no governo passado foi quase que totalmente desmantelada, para favorecer principalmente grupos estrangeiros, vai investir R\$ 323 bilhões no Novo PAC nos próximos quatro anos. Ou seja, cerca de 19% do total. O governo Lula fortalece a estatal, que vai contribuir decisivamente para o impulsionamento da indústria nacional, em parceria com outros agentes econômicos, como a indústria naval.

O cenário é marcadamente diferente se comparado com os desastrosos quatro anos do governo anterior, cuja lógica era a das fake news, negacionismo, estímulo à violência e insensibilidade à dramática situação de milhões de brasileiros com fome e desempregados. Com Lula, as boas notícias estão de volta. •

* Deputado federal pelo Paraná, é líder do PT na Câmara dos Deputados



Montagem sobre foto de Adriano Machado/Reuters e Greenpeace

EXTERMINADOR DO FUTURO

As emissões da Amazônia 'dobraram' com Bolsonaro, apenas nos dois primeiros anos do seu governo. Novo estudo publicado na revista 'Nature' diz que esse período foi tão destrutivo quanto o recorde de seca e onda de calor provocados pelo El Niño em 2016. "Ele é o cara, você é o responsável por essas grandes emissões da Amazônia", acusa a cientista Luciana Gatti

Patrick Greenfield | The Guardian

A primeira metade do governo de Jair Bolsonaro à frente da Presidência do Brasil foi tão destrutiva para a Amazônia que é comparável ao recorde de seca e onda de calor do El Niño de 2016 em termos de emissões de carbono, de acordo com cientistas.

As emissões anuais da maior floresta tropical do mundo aproximadamente dobraram em 2019

e 2020, em comparação com a média de 2010 a 2018, de acordo com um novo estudo publicado na revista 'Nature'. É que faixas de floresta foram deliberadamente limpas e queimadas para pecuária e agricultura durante os dois primeiros anos do tempo de mandato do líder de extrema-direita no Brasil.

Enquanto a quantidade de carbono que a Amazônia absorve e emite muda com os ciclos climáticos, geralmente sugando mais em anos úmidos e menos em períodos secos, o estudo descobriu

que o aumento das emissões sob Bolsonaro teve pouco a ver com processos naturais, mas foi causado pela remoção sistemática e rebaixamento da aplicação da lei ambiental no Brasil.

Sob Bolsonaro, o número e a gravidade das multas por desmatamento ilegal pelas autoridades brasileiras caíram drasticamente enquanto os incêndios e a limpeza de terras dispararam, aponta o estudo. As emissões de carbono aumentaram de uma média anual de 0,24 gigatoneladas de 2010-18

para 0,44GtC em 2019 e 0,55GtC, respectivamente.

A análise, produzida por muitos dos cientistas que primeiro estabeleceram que a Amazônia agora está emitindo mais CO₂ do que é capaz de absorver, mostra que novas áreas da floresta se tornaram uma fonte crescente de emissões, particularmente a Amazônia ocidental, uma das partes mais intocadas da bacia, que tem sido alvo de invasores de terra e mineiros ilegais.

Isso aumenta os temores de que a Amazônia, que desempenha um papel importante na regulação do clima mundial, esteja se aproximando de um ponto de inflexão após o qual não será mais capaz de se sustentar, o que teria profundas consequências para a biodiversidade e o clima.

A cientista Luciana Gatti, do Instituto Nacional de Pesquisa Espacial (INPE), que liderou a pesquisa, faz uma análise dura sobre o perigo que foi o governo do ex-capitão. "Bolsonaro era um El Niño brasileiro. A análise sugere que não há razão para as grandes emissões da Amazônia além do desmantelamento da aplicação da lei", aponta.

"Neste artigo, reunimos a ciência que mede as emissões de carbono, o desmatamento e o monitoramento de incêndios, a aplicação da lei e os fatores econômicos: tudo o que está envolvido no processo de destruição da Amazônia", relata. "Depois de observarmos todos esses fatores, foi apenas um passo simples dizer: 'Ele é o cara, ele é o responsável por essas grandes emissões da Amazônia'. É uma história incrível e muito triste".

A pesquisa é baseada em medições de perfil vertical de emissões de pequenos aviões em quatro locais na Amazônia brasileira, tomando leituras de CO₂ de 500m a 4.500m.

"O agronegócio no Brasil está olhando para a Amazônia para

transformar o país na fazenda para o mundo. Este é um plano terrível, não só para o Brasil, mas para o mundo inteiro. A Amazônia é um amortecedor para as mudanças climáticas", diz Luciana Gatti. Ela é membro do Painel de Ciência para a Amazônia, que se dedica à conservação da região. A análise não inclui a segunda metade da presidência de Bolsonaro, que viu taxas de desmatamento e incêndios ainda muito maiores.

Embora haja uma preocupação generalizada com o futuro da Amazônia, o co-autor do artigo, professor Carlos Nobre, um dos principais cientistas climáticos do Brasil, disse ao jornal The Guardian no início deste mês que houve um momento de oportunidade para proteger as florestas do mundo em meio à queda das taxas de perda de florestas em alguns países ao redor do mundo.

Isso veio depois da queda das taxas de desmatamento sob o novo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que se comprometeu a acabar com o desmatamento no país até 2030. Ele realizou uma cúpula pan-Amazônica com líderes de outros países, no início deste mês. Mas não conseguiram chegar a um acordo sobre uma meta regional para interromper a perda de florestas em meio a desacordos sobre a exploração de petróleo e gás.

"Posso ver um movimento político maior em todo o mundo para reduzir o desmatamento – Indonésia, alguns países da África, muitos países da Amazônia. No Brasil, houve uma redução significativa no desmatamento em junho", aponta Nobre. : Idealmente falando, espero que quando você calcular 2023 em comparação com 2022, possa haver uma redução de 50%, o que seria muito bom. Se o Brasil quiser atingir o desmatamento zero até 2030, obter uma queda de 50% seria uma notícia muito boa". •

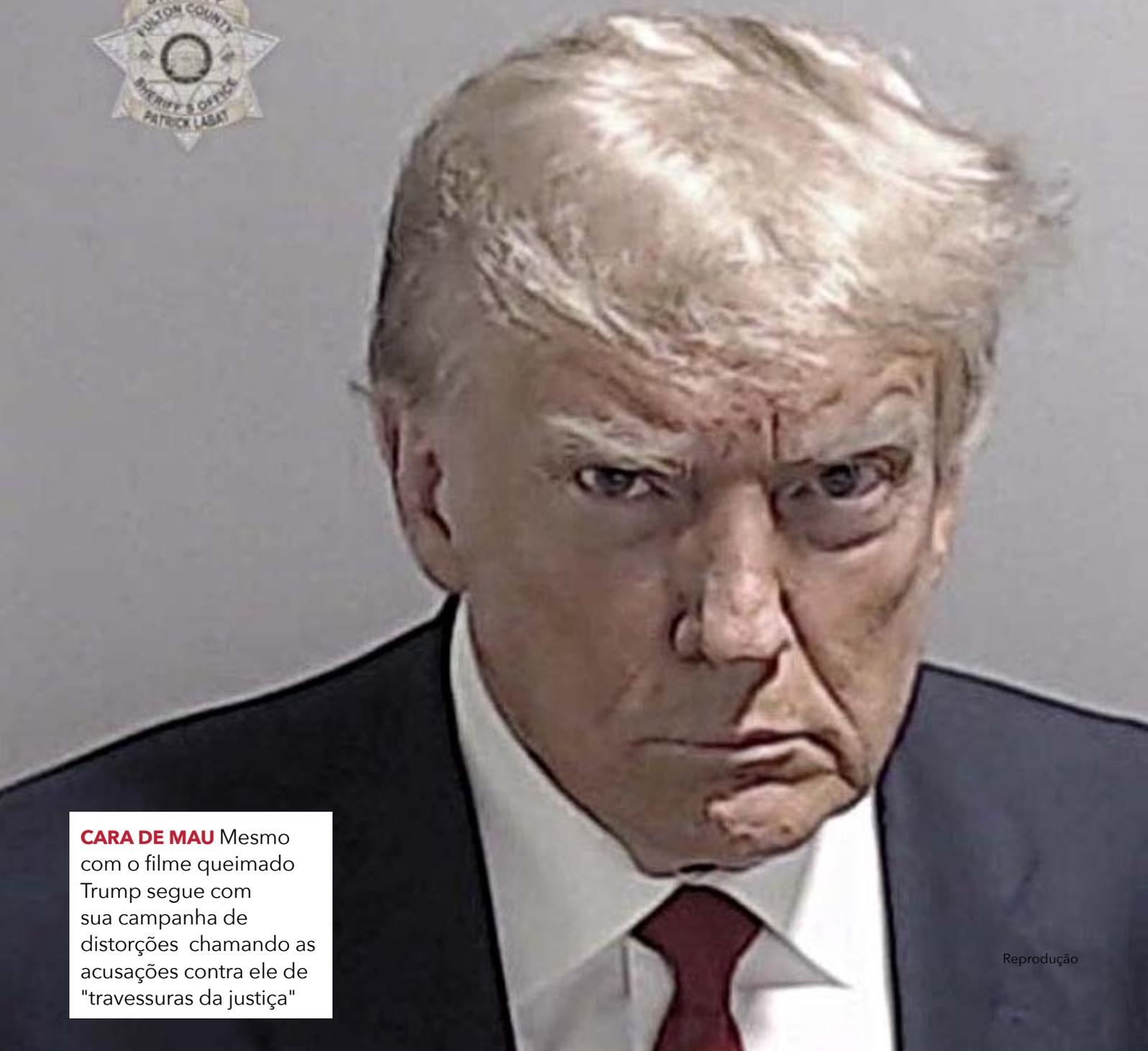
BRASIL QUER US\$ 2 BILHÕES EM TÍTULOS VERDES

O Brasil deve emitir cerca de US\$ 2 bilhões em seus primeiros títulos soberanos sustentáveis em setembro, anunciou o secretário-executivo do Ministério da Fazenda, Dario Durigan, na quinta-feira, 25. "No próximo mês, o mundo estará observando de perto e adquirindo nossos títulos sustentáveis", disse, durante reunião do comitê do Fundo Climático. Projetos verdes e sociais apoiarão os títulos.

"A expectativa que temos no Tesouro Nacional é que emitamos algo em torno de US\$ 2 bilhões. É um valor muito relevante, poderá servir de base de financiamento para o plano de transição ecológica", declarou. Durante entrevista, o secretário do Tesouro, Rogério Ceron, disse que o governo não poderia especificar o volume ou a data da emissão para evitar impacto nos mercados.

Acrescentou que apesar dos esforços para "finalizar todos os preparativos até setembro", pode ocorrer o adiamento da operação para o início de 2024 devido às circunstâncias imprevistas. Mas isso não seria um problema.

Em reunião na quinta-feira do Conselho Monetário Nacional (CMN) – o principal órgão econômico do Brasil composto pelo ministro das Finanças, pelo ministro do Planejamento e pelo governador do Banco Central – o governo definiu uma nova estrutura que regerá as operações do Fundo Climático. •



Reprodução

CARA DE MAU Mesmo com o filme queimado Trump segue com sua campanha de distorções chamando as acusações contra ele de "travessuras da justiça"

DONALD TRUMP SE ENTREGA

Ex-presidente dos EUA publica sua foto de fichamento em X, a plataforma anteriormente conhecida como Twitter, após ser detido no mais recente caso criminal. Ele se apresentou às autoridades da Geórgia no caso eleitoral de 2020 e pagou fiança de US\$ 200 mil para deixar prisão

O ex-presidente dos EUA, Donald Trump, se entregou às autoridades de Atlanta, no estado da Geórgia, onde enfrenta 13 acusações criminais por supostas tentativas de subverter os resultados das eleições presidenciais de 2020. Ele foi fichado na prisão do condado de Fulton e fotografado, sendo posteriormente liberado após pagar uma fiança previamente negociada de US\$ 200 mil. O assunto e a foto de Trump estavam na capa dos principais jornais do mundo na sexta-feira, 25.

Após sua liberação, Trump compartilhou a foto de fichamento na plataforma de mídia social X, anteriormente conhecida como Twitter. Ele havia sido suspenso da rede social após o ataque ao Capitólio dos EUA em janeiro de 2021, mas a suspensão foi revogada pelo novo dono da empresa, o empresário Elon Musk. No entanto, Trump tem preferido usar sua própria plataforma chamada Truth Social.

A postagem de Trump continua o link para um site de arrecadação de fundos de campanha e o texto sob a foto dizia: "Interferência eleitoral. Nunca se renda!" O caso na Geórgia é o mais recente desafio legal que Trump enfrenta, e ele se referiu a ele como uma "travessura da Justiça". Várias outras pessoas acusadas junto com Trump no caso se entregaram às autoridades, incluindo os advogados Rudy Giuliani e Sidney Powell, que atuaram antes na defesa do pré-candidato republicano. O ex-chefe de gabinete da Casa Branca Mark Meadows também se entregou.

O caso na Geórgia é apenas um dos vários processos legais que Trump está envolvido, complicando sua mais recente tentativa de concorrer à presidência

dos Estados Unidos no próximo ano contra o democrata Joe Biden. Há a possibilidade de que ele seja julgado durante a campanha presidencial.

A iniciativa de Trump de se entregar à Justiça da Geórgia ocorreu um dia depois de ele não comparecer ao primeiro debate televisivo entre os candidatos republicanos à disputa pela Casa Branca, optando por uma entrevista pré-gravada com o ex-apresentador da Fox Tucker Carlson – aquele que esteve no Brasil fazendo "entrevistas" com a família Bolsonaro, no ano passado. A entrevista de Trump foi ao ar na plataforma de mídia social X.

Nessa entrevista, Trump reiterou suas alegações de que as eleições de 2020 foram "manipuladas" contra ele e sugeriu que estaria sendo alvo de uma campanha de perseguição política violenta. Ele declarou que está disposto a ver até que ponto seus adversários estão dispostos a ir na guerra judicial contra o republicano.

Em uma postagem anterior na plataforma Truth Social, Trump disse que estava indo para Atlanta para ser preso por uma "procuradora de esquerda radical", Fani Willis, só porque tinha denunciado uma eleição "fraudada e roubada". O indício mencionado na acusação contra o ex-presidente refere-se a um suposto pedido de Trump ao secretário de estado da Geórgia, Brad Raffensperger, para "encontrar 11.780 votos" após as eleições de 2020.

Favorito na corrida para se tornar novamente o candidato republicano à Casa Branca, foi preso na prisão do Condado de Fulton e fotografado, antes de ser libertado depois de pagar a multa. Seus concorrentes no partido republicano condenaram as ações criminais contra Trump e denunciaram como manobras

e tentativas de armar o sistema político contra o ex-presidente.

No início da quinta-feira, Jim Jordan, presidente republicano do comitê judiciário da Câmara, lançou uma investigação sobre se a procuradora Fani Willis colaborou com promotores federais, incluindo o conselheiro especial Jack Smith, que apresentou acusações semelhantes contra Trump no início deste mês. Em uma carta ao promotor da Geórgia, Jordan, que é um feroz aliado de Trump, disse que o "tempo desta acusação reforça as preocupações" sobre a motivação de Willis, uma vez que foi trazida dois anos e meio depois que seu escritório foi indicado pela primeira vez para investigar o ex-presidente.

"Além disso, ela solicitou que o julgamento sobre este assunto começasse em 4 de março de 2024, um dia antes da Super Terça-feira e oito dias antes das primárias presidenciais da Geórgia", acrescentou Jordan. "Portanto, não é surpreendente que muitos tenham especulado que esta acusação seja projetada para interferir na eleição presidencial de 2024".

Trump, que agora enfrenta quatro casos criminais separados, deve se declarar inocente em uma data posterior às 13 acusações que foram apresentadas contra ele pelos promotores da Geórgia, incluindo a violação das leis anti-corrupção do estado, o envolvimento em solicitação criminal e uma conspiração criminosa, fazendo declarações falsas e arquivamento de documentos falsos.

Os registros judiciais publicados na última segunda-feira mostraram que os advogados de Trump concordaram com os termos de fiança com o promotor distrital do Condado de Fulton, incluindo um título de US\$ 200 mil e uma promessa de não intimidar testemunhas. •

Reprodução



1º de setembro de 1939

TROPAS DA ALEMANHA INVADEM A POLÔNIA

Tropas alemãs invadem a Polônia e travam o que chamam de guerra relâmpago (Blitzkrieg), vencendo rapidamente a resistência dos poloneses. Em 20 dias, o país inteiro estaria sob o poder dos nazistas, exceto por Varsóvia, a capital, que só se entregaria no dia 27. Dias depois da invasão, a Inglaterra, a França, o Canadá, a Nova Zelândia e a Austrália decla-

rariam guerra à Alemanha.

Em 23 de agosto – portanto nove dias antes – os chanceleres Ribbentrop e Molotov (da Alemanha e União Soviética, respectivamente) haviam assinado um pacto de não agressão, pelo qual ambos os países se comprometiam a não atacar um ao outro e a manter neutralidade caso um deles fosse atacado por outra potência.

29 de agosto de 1934

GREVES POR DIREITOS SOCIAIS SÃO SUFOCADAS

Polícia reprime com violência várias manifestações de trabalhadores, entre elas a dos ferroviários da Eastern Brazilian Railway, a dos doqueiros, a dos operadores de bonde, a dos telegrafistas, a dos telefonistas e a dos eletricitários da Telephone & Electric Energy Company, todos em greve na Bahia. Algumas greves, como a dos ferroviários, haviam começado em julho.

A principal demanda dos manifestantes era a readmissão ime-

diata dos operários que foram demitidos por exigir que os administradores estrangeiros aca- tassem as leis brasileiras. Suas reivindicações incluíam jornada de trabalho de oito horas, aumentos de salários, folga semanal e férias anuais remuneradas, pagamento de horas extras, indenização por dispensa sem justa causa, reconhecimento dos sindicatos e demissão dos inspetores que tinham atitudes coercitivas.

31 de agosto de 1942

BRASIL DECLARA GUERRA À ALEMANHA E À ITÁLIA

Iconographia



Divulgação

Não é mais possível adiar: o Brasil declara guerra à Alemanha e à Itália. Foram 19 navios torpedeados entre fevereiro e agosto de 1942, matando centenas de pessoas. Entre 15 e 17 de agosto daquele ano, cinco navios brasileiros foram postos a pique pelo submarino alemão U-507 no litoral de Sergipe e Bahia.

O maior deles foi o "Baependi", no dia 15, levando à morte mais de 250 pessoas, entre tripulantes e passageiros. Poucas horas depois, chegaram notícias sobre o "Araraquara", o "Aníbal Benévolo", o "Itagiba" e o "Arará": todos afundados, mais de 600 vítimas, entre mortos e feridos.

A notícia dos ataques contra navios brasileiros comoveu a população e motivou reações violentas em muitas cidades. Estabelecimentos comerciais pertencentes a imigrantes dos países do Eixo foram depredados. Houve tentativas de linchamentos. A União Nacional dos Estudantes organizou passeatas nas principais cidades, exigindo a entrada do Brasil na guerra ao lado dos Aliados.

29 de agosto de 1968

UNB SOFRE INVASÃO PELA TERCEIRA VEZ

Cerca de 3 mil estudantes reúnem-se na Universidade de Brasília (UnB) para protestar contra a ordem de prisão de sete colegas, entre eles Honestino Guimarães, presidente do Diretório Central dos Estudantes (DCE). Policiais militares, agentes do Dops e soldados do Exército detiveram mais de 500 manifestantes numa quadra de basquete. Um estudante foi baleado na cabeça e 60 pessoas presas.

Honestino Guimarães também foi levado para a prisão. Libertado um mês depois, entrou para a clandestinidade. Militante da Ação Popular Marxista Leninista (APML), foi capturado e morto em 1973. Seu corpo ainda não foi encontrado.

2 de setembro de 1968

REGIME USA DISCURSO PARA BAIXAR O AI-5

O deputado Márcio Moreira Alves, do MDB da Guanabara faz mais um discurso denunciando os abusos praticados pelos órgãos de segurança. Pede que os pais não permitam que os filhos desfilem no Sete de Setembro ao lado de militares “carrascos” e que as moças não dancem com cadetes no baile da Independência.

No dia 12 de setembro, o procurador-geral da República, Décio Miranda, solicitou ao Supremo Tribunal Federal (STF) a cassação do mandato do deputado, por “uso abusivo do direito de livre manifestação e pensamento e injúria e difamação das Forças Armadas”.



Iconographia

28 de agosto de 1961

BRIZOLA FRUSTRA GOLPE CONTRA JOÃO GOULART

Por meio da “cadeia da legalidade” – formada por dezenas de emissoras de rádio –, o governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola, convoca os brasileiros a lutar pela legalidade e defender a Constituição. É uma resposta aos militares que tentam impedir a posse do vice-presidente João Goulart na Presidência da República.

Essa firme atitude Brizola dividiria as Forças Armadas e teria a adesão do poderoso 3º Exército, sediado no Sul e comandado pelo general Machado Lopes. Jânio Quadros renunciara à Presidência da República três dias antes, mas João Goulart estava em missão oficial na China; por isso o presidente da Câmara dos Deputados, Ranieri Mazzilli, assumira interinamente o cargo até o seu regresso.

Dois dias depois, porém, Mazzilli informara ao Congresso que os ministros militares não aceitariam a posse de João Goulart na Presidência: eles exigiam que o Legislativo declarasse o impedimento de Jango e ameaçavam prendê-lo assim que ele pusesse os pés no Brasil.

A tentativa de forçar um “gol-

pe institucional”, pressionando o Congresso a impedir a posse de Goulart, todavia, falharia. Não teria apoio parlamentar nem mesmo da UDN, exceto por Carlos Lacerda. Na imprensa, só o jornal “O Estado de S. Paulo” ficaria do lado dos golpistas.

O veto a Jango também não seria consensual na área militar. No Rio, o marechal Henrique Teixeira Lott divulgaria manifesto em defesa da ordem institucional – e acabaria preso.

O golpe encontraria fortíssima oposição nas ruas, a partir da população civil do Rio Grande do Sul, mobilizada por Leonel Brizola – líder da ala esquerda do PTB – e obrigaria os ministros militares a recuar. Sua “cadeia da legalidade” ficaria no ar ininterruptamente, retransmitida para outras 150 emissoras do país, incitando à resistência e promovendo mobilizações pela democracia em vários estados.

Esta seção é fruto da parceria entre o Centro Sérgio Buarque de Holanda, da FPA, o Memorial da Democracia e o Instituto Lula. Envie suas sugestões por e-mail para memoria@fpabramo.org.br ou memorialdademocracia.com.br



Iconographia

31 de agosto de 1969

JUNTA MILITAR TOMA O COMANDO DO PAÍS

Vítima de acidente vascular cerebral (isquemia), que o deixa semiparalisado e impossibilitado de falar, Costa e Silva é levado de Brasília para o Rio, onde fica isolado no Palácio das Laranjeiras. O general Jayme Portela, chefe do Gabinete Militar e homem forte do governo, esconde do país a gravidade da doença, que só é conhecida por ele e pelos três ministros militares.

Enquanto os boatos se espalhavam, Portela tramou com os colegas a substituição do presidente inválido por uma Junta Militar, im-

pedindo a posse do vice-presidente civil, Pedro Aleixo. Os ministros Lyra Tavares (Exército), Augusto Rademaker (Marinha) e Márcio de Souza Mello (Aeronáutica) assumiram, então, o comando do governo.

Para isso, baixaram o Ato Institucional Nº 12, lido em cadeia de rádio e TV naquela noite de domingo. Pedro Aleixo ficaria sob vigilância do Centro de Informações do Exército (CIE) durante toda a crise, praticamente preso pelos ministros militares.

29 de agosto de 1974

COM GEISEL, DITADURA QUER 'DISTENSÃO SEGURA'

Em discurso aos dirigentes da Arena, o presidente Ernesto Geisel anuncia o projeto de "lenta, gradativa e segura distensão". A estratégia, traçada pelo general Golbery do Couto e Silva, era alterar a Constituição por meio do Congresso, de forma a legitimar parte dos atos institucionais autoritários, restabelecendo alguns direitos democráticos.

Golbery tentou ganhar o apoio do MDB e da cúpula da Igreja Católica, acenando com o afrouxamento da censura e um diálogo em torno das reformas. Mas, desde o começo, deixou claro que não haveria abertura para a esquerda nem espaço para contestações ao

regime. Todas as mudanças deveriam ocorrer sob o comando da ditadura. A estratégia dependia da manutenção do controle do Congresso pela Arena.

A maior resistência ao projeto partia de setores militares (a chamada "linha dura"). O ministro do Exército, Sylvio Frota, iria se tornar a face visível dessa resistência. Os agentes diretos da repressão e seus comandantes sabotariam a "distensão", com atentados e perseguição violenta a comunistas e líderes religiosos. Ao longo do governo, Geisel iria ceder ou resistir às pressões da "linha dura" conforme as circunstâncias, a fim de manter o controle do quadro político.

28 de agosto de 1979

VOTAÇÃO DE ANISTIA PARCIAL RACHA A ARENA

Por 206 votos contra 201, o Congresso rejeita o substitutivo do deputado Djalma Marinho (Arena-RN) ao projeto de lei do governo e que estenderia a anistia a todos os presos e condenados por atos de exceção. Dessa forma, a proposta oficial - parcial e restritiva - foi aprovada com algumas modificações que ampliavam seu alcance, incluindo dirigentes sindicais cassados. A emenda contou com o apoio de 15 deputados da Arena - oito ausentes também poderiam ter votado pela sua aprovação. O resultado mostrou que a anistia ampla, geral e irrestrita era uma causa da sociedade, capaz de dividir até o partido oficial da ditadura.

Depois de sancionar o projeto, em 28 de agosto, o governo teve de fazer modificações na Lei de Segurança Nacional, reduzindo penas. Na prática, todos os condenados seriam soltos ou voltariam ao país até o final de 1979, ainda que vivendo em liberdade condicional. A pressão da sociedade acabou tornando a anistia ampla, mas não impediu o indulto prévio, geral e irrestrito aos torturadores, assassinos e comandantes da repressão.

A aprovação do projeto oficial por estreita margem mostrou também que o governo não podia mais contar com a fidelidade absoluta da Arena, como ocorria desde a imposição do bipartidarismo, pelo Ato Institucional nº 2, de 1966. Para tentar conter a dissidência, o governo anunciou na véspera que o projeto era "inegociável" e que o general presidente João Baptista Figueiredo vetaria a emenda Djalma Marinho, caso fosse aprovada.



FernandoDuarte, CPDocJB

28 de agosto de 1983

COMBATIVA E AUTÔNOMA, CUT NASCE PELA BASE

O Congresso Nacional da Classe Trabalhadora aprova a fundação da Central Única dos Trabalhadores (CUT), a primeira central sindical criada após o golpe de 1964 e a primeira no país a ser lançada pela base. Reunidos por três dias em São Bernardo do Campo (SP), 5.059 delegados de 912 entidades sindicais elegem a primeira direção provisória da entidade, com mandato de um ano, tendo como presidente Jair Meneghelli.

A fundação da CUT ocorreu dois anos depois de ter sido aprovada na 1ª Conferência Nacional da Classe Trabalhadora (Conclat). Ao longo desse período, houve disputa entre as correntes sindicais ligadas ao PT e os dirigentes ligados ao PCB, PCdoB e Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8). Esses grupos integraram a CUT por um curto período. Em 1986, fundariam a Confederação Geral dos Trabalhadores (CGT).

31 de agosto de 2009

PRÉ-SAL: GOVERNO LULA PROPÕE MODELO DE PARTILHA PARA EXPLORAÇÃO

O governo Lula envia ao Congresso projeto de lei propondo alteração no marco regulatório de exploração do pré-sal. A proposta é substituir o regime de concessão pelo de partilha em todo o pré-sal brasileiro, exceto nas áreas já licitadas. A Petrobrás seria exploradora de todos os blocos, com participação mínima de 30% em cada um. Os 70% restantes poderiam ser



Paulo Janes, EditoraAbril

29 de agosto de 1993

MADRUGADA DE HORROR EM VIGÁRIO GERAL

A favela de Vigário Geral, na zona norte do Rio de Janeiro, é invadida durante a madrugada por um grupo de extermínio composto por 36 homens armados e encapuzados, que arrombam casas e fuzilam 21 moradores. O assassinato indiscriminado de trabalhadores, estudantes e donas de casa foi uma represália à morte de quatro policiais militares pelo chefe local do tráfico.

A chacina, noticiada em todo o mundo e condenada pela Organização dos Estados Americanos (OEA), ocorreu 39 dias após o assassinato de oito crianças e adolescentes em frente à Igreja da Candelária, também no Rio. Essa nova tragédia fortaleceu a percepção do Brasil como um país sem controle

sobre a violência e sem fronteiras entre a polícia e o banditismo.

Dias antes do massacre dos moradores, o sargento Ailton Ferreira dos Santos e mais três PMs haviam sido executados por Flávio "Negão" e seus comparsas, que os acusavam do sequestro e morte do irmão do traficante. Durante o sepultamento dos policiais, os colegas juraram vingança.

Cinquenta e dois policiais militares foram acusados de participação na chacina de Vigário Geral. Desse total, sete foram condenados – três deles seriam absolvidos posteriormente –, cinco morreram antes do julgamento e dois estão foragidos. Apenas um condenado permaneceu preso, mas em decorrência de outros crimes.

emprego e renda) e a constituição de um Fundo Social do Pré-Sal.

Um dos principais debates suscitados pela nova lei seria a divisão dos royalties entre as unidades da federação. Os governadores dos principais estados produtores – Rio de Janeiro, Espírito Santo e São Paulo – fariam forte campanha contra a divisão equânime dos royalties, exigindo maior parcela da compensação.



Reprodução

“PRIMAVERA NOS DENTES”

O jornalista Miguel de Almeida reconstitui a história de uma das bandas mais influentes e bem-sucedidas da MPB na década de 1970: os Secos & Molhados. Uma contra-revolução em plena ditadura

Bia Abramo

Há historiadores e pesquisadores da música brasileira que identificam a Tropicália como um movimento contracultural. Em “Brutality Garden: Tropicalia and the Emergence of a Brazilian Counterculture”, pesquisador norte-americano classifica os procedimentos uso de alegoria e das colagens do grupo baiano já como uma manifestação contracultural da cultura brasileira. Sem diminuir a importância do livro de Dunn, essa leitura do que aconteceu na brevíssima trajetória do tropicalismo dá

um relevo à sintonia de Caetano Veloso, Gilberto Gil e Tom Zé com o cenário internacional das artes em geral e da música em particular que não procede.

É no momento seguinte, nos terríveis anos 1970 que, de fato, as formas da contracultura vão entrar de sola no Brasil. Parte da importância de “Primavera nos Dentes”, biografia da banda Secos & Molhados, é que seu autor, o jornalista Miguel de Almeida, “esteve lá”. Jornalista de formação, começou a trabalhar na Folha de S. Paulo já no final dos anos 1970, período em que a vida cultural do Brasil vivia ainda sob muita influência dos movimentos contraculturais.

É por esse tecido mais sensível, de alguém contemporâneo daquilo que pesquisa e descreve como a história curta, porém explosiva, de um grupo que mudou o rumo da MPB, que “Primavera nos Dentes” se destaca como livro-reportagem. A reconstituição da São Paulo daqueles primeiros anos da década de 1970, em que imperava o clima de terror imposto pela ditadura militar, com censura prévia na imprensa e nas artes, além de precisa, parece ser muito autoral; como estudante da Faculdade Cásper Líbero, situada em plena avenida Paulista, muitos dos teatros, das casas de shows e dos percursos entre os apartamentos nos quais se gestou e onde ensaiava a banda certamente fizeram parte da adolescência e juventude de Miguel de Almeida.

Esse era um efeito paradoxal daqueles que cresceram durante o regime militar: os espaços de resistência cultural, onde circulavam intelectuais, artistas, estudantes e jovens inconformistas em geral, se constituíam como ilhas de respiro e de liberdade. Numa cidade cercada pela caretice daqueles que aderiram às promessas da progresso do Milagre

Econômico e da ordem das casernas, qualquer possibilidade de ver uma peça, um filme, um show que confrontasse de alguma forma conservadorismo virava febre entre os dissidentes.

E como a banda formada por João Ricardo, Gérson Conrad e Ney Matogrosso era afrontosa. No início, era apenas João Ricardo, poeta e compositor, que fundou uma banda acústica que se apresentava em um bar no Bixiga, bairro boêmio de São Paulo, berço de uma das mais emblemáticas escolas de samba de São Paulo, a Vai-Vai, e onde estavam situados vários casas de espetáculo importantes na cena teatral paulistana.

Com a defecção de Fred e Pitoco, dois dos membros originais, João Ricardo saiu à procura de um cantor. Por indicação de uma amiga em comum, Luli (que depois formaria a dupla Luli e Lucina), topou com Ney Matogrosso, que tinha a ideia de se tornar ator. À dupla, se juntou Gérson Conrad, estudante de arquitetura.

A partir das bases instrumentais entre o soft e o hard rock já experimentadas nos anos anteriores, letras líricas e algumas lúdicas, Ney entrou com a voz de falsete, as coreografias sexy e uma concepção plástica de performance teatral.

Em outras palavras, a personalidade do Ney cantor, que emergiu entre os ensaios e as apresentações no circuito paulistano de shows, era o fator transgressivo, provocador e ousado que transformou os Secos & Molhados em um dos grupos de música mais importantes daquele período.

Quando gravaram o primeiro disco, em 1973, já eram um grupo mais ou menos conhecido pelo público de rock, mas o que aconteceria com a banda, a partir desse disco, foi um fenômeno raro: apesar da repressão e da censura, o choque da androginia de seus três integrantes, que se

apresentavam com maquiagem pesada e figurinos provocantes, caiu nas graças das crianças e das mulheres. A primeira música de trabalho, “O Vira” (composição de João Ricardo em parceria com Luli), com seus elementos do folclore brasileiro, foi apresentada no “Fantástico” e, no dia seguinte, era assobiada nas ruas. As letras mais poéticas, como “Fala” ou “Rosa de Hiroshima” (adaptada de poema de Vinícius de Moraes) encantaram as mulheres – e o carisma de Ney Matogrosso transformou-o num pop star instantâneo.

Com essa formação, os Secos & Molhados gravaram apenas mais um disco no ano seguinte, “Secos & Molhados 2”. O primeiro fez 1 milhão de cópias vendidas em apenas um ano, batendo o então mais popular dos cantores brasileiros, Roberto Carlos. A banda lotou o Maracanãzinho em 1974, com 20 mil pessoas dentro do ginásio e outras tantas que não conseguiram comprar ingressos do lado de fora. Foi a primeira vez que um show de um único grupo brasileiro atraiu esse público.

Para além dos recordes e das vendagens, o que o biógrafo Miguel de Almeida persegue, ao contar essa história explosiva e efêmera, é como a liberdade criativa consegue driblar tempos difíceis. Além de uma pesquisa cuidadosa (inclusive revista e ampliada a partir da versão do mesmo livro de 2019), Miguel de Almeida é um autor que “derruba a quarta parede” para o leitor, ou seja, convida-o a participar dessa história traduzindo a intensidade emotiva – afinal, estamos falando de canções que até hoje estão vivas no imaginário da cultura brasileira – de cada escolha, de cada momento, inclusive das tensões que juntaram e separaram dois rapazes latino-americanos e um europeu numa metrópole perdida do Brasil há 50 anos. •

30 ANOS DE

ZOOROPA

Saturação midiática, distopia e isolamento social na era da 'globalização'. No auge da experimentação sonora, o U2 lançou obra divisora de águas há 30 anos. Exploração das contradições entre o avanço tecnológico de países ricos e o aumento da pobreza, entre outros comentários sociais, conferem impressionante vitalidade ao disco

Fernando Brasil

No início dos anos 90, o termo globalização consagrou-se como expressão máxima do aumento da produção de miséria no mundo, alimentando-se de uma falaciosa "integração" econômica e cultural entre países. As contradições de uma sociedade cada vez mais tecnologicamente conectada – e estamos falando ainda de antenas parabólicas, não de internet – e, mais do que nunca, socialmente perversa, vinham sendo exploradas com maestria pela banda irlandesa U2, a partir do divisor de águas "Achtung Baby", lançado em 1991.

O disco, uma revolução sônica e poética, abriu caminho no ano seguinte para a Zoo TV. A turnê utilizou o que havia de mais inovador em shows na época, conectando, em um espetáculo multimídia, temas como consumismo,



superexposição midiática, indústria de armas e política. É nesse ambiente fraturado que nasce "Zooropa", o álbum de 1993 que refinou as explorações eletrônicas de seu antecessor. Com 30 anos completos em julho, o álbum exala frescor e vitalidade impressionantes.

Pensado inicialmente para ser um EP, o projeto transformou-se em um álbum, cuja gravação surpreendeu pela rapidez com que a banda formada por Bono Vox, The Edge, Adam Clayton e Larry Mullen Jr. aprofundou suas ex-

perimentações em estúdio. O álbum, produzido por Flood, Brian Eno e The Edge, resultou em uma estranha coleção de 10 canções, que uniram minimalismo eletrônico, dance, baladas intimistas e até a tradição do cancionero americano. Para marcar o aniversário destas três décadas da obra, a banda preparou o lançamento de uma edição limitada, em vinil colorido, para outubro.

Para saudosistas e curiosos, a visita ao rico período de produção do U2 não para por aí. No mês passado, os fãs já puderam se deliciar com um esquentado por meio de uma transmissão global da Zoo TV, ao vivo. Além disso, versões remasterizadas do single "Stay (Faraway, So Close!)" e de remixes e lados-B acabaram de chegar às plataformas de streaming. Enquanto isso, o U2 abre em setembro o show U2:UV Achtung Baby Live at The Sphere, em Nevada, nos EUA. A experiência poderá ser celebrada pelos fãs do



disco homônimo até dezembro. Como acontece com toda obra vista em perspectiva histórica, "Achtung Baby" é peça-chave para o mergulho do grupo em Zooropa. Sofrendo de uma espécie de ressaca existencial após o sucesso acachapante do álbum "Joshua Tree", de 1987, o U2 usou sua crise criativa para se reinventar em "Achtung Baby".

O doloroso processo de criação do disco, com intermináveis sessões entre 1990 e 1991, algumas infrutíferas, cheias de dúvidas e até de desentendimentos entre os integrantes, resultou em uma poderosa coleção de canções, construídas em uma colagem sonora contaminada pelo ambiente sócio-cultural da Alemanha pós-queda do Muro de Berlim. Foi para lá que a banda se mudou para gravar o disco, influenciada pelos heróis atemporais Lou Reed e David Bowie, que também se deixou embriagar pela atmosfera reflexiva e ao mesmo tempo

artisticamente vibrante da capital alemã para produzir uma trilogia de discos imbatíveis nos anos 70 – "Low", "Heroes" e "Lodge".

O U2 expandiu o som da guitarra clássica de The Edge, marca do grupo, colando-o a samplers e sintetizadores para moldar canções como as dançantes e climáticas "The Fly", "Even Better Than The Real Thing", além da balada "One". Com isso, o U2 deslocou o eixo de influências americanas e de caráter messiânico – que basearam alguns sucessos do passado – para a vanguarda da música eletrônica europeia.

As canções, ora esparsas, ora estridentes, agora abriam espaço para comentários sociais sobre o uso da tecnologia pelos países ricos, política externa e isolamento social, impregnados por uma fina e melancólica camada de ironia. Ironia essa que seria amplificada na Zoo TV pelo personagem "The Fly", uma paródia sobre o absurdo do culto quase religio-

so à imagem de um rock star. É daí que a banda parte para criar "Zooropa", um disco ainda mais esteticamente ousado na desconstrução do formato pop de uma típica canção de três minutos. Navegando em águas opostas às que agitavam os mares das paradas do rock alternativo, já saturado pelo grunge após a explosão do Nirvana e outros grupos de Seattle, o U2 abre o disco com "Zooropa", uma canção contemplativa de mais de 6 minutos e espécie de irmã de "Zoo Station", do disco anterior.

Ao contrário da eletricidade contagiante da abertura de "Achtung Baby", no entanto, ela aborda de modo quase temeroso o futuro que virá pelas transformações tecnológicas. Assim, Bono sugere um giro apocalíptico pelo mundo mas avisa que não possui bússola, mapa, nem "motivos para voltar".

A produção de Brian Eno aprofunda o caráter enigmático e pós-moderno das músicas por todo

o disco, alternando momentos sombrios e melancólicos com apatia e estupefação, marcando um contraste definitivo com a ansiedade hiperativa do álbum anterior.

Mas o tom hipnotizante do baixo de Clayton e o clima de "música ambiente", imortalizado por Eno, jamais deixam o ouvinte entediado. Seja pelo timbre infantil do piano que parece selar o adeus à inocência de "Babyface", ou pela repetição robótica do mantra eletrônico "Numb", single cantado por The Edge, "Zooropa" transborda inspiração e inventividade em sua expedição eletrônica comandada por Bono, The Edge e cia.

Cada uma a seu modo, "Lemon" e "Stay (Faraway, So Close)", também lançadas como singles, cativam pela beleza das melodias e pelo ambiente esparsos dos arranjos. "Lemon" leva para as pistas de dança uma delicada homenagem de Bono Vox à sua mãe, que morreu quando ele ainda era bem jovem. O lamento em falsete, recurso que o cantor explorou com muita propriedade em "Zooropa", confere ainda mais calor ao clima saudosista da faixa.

Já "Faraway, So Close!", trilha do filme homônimo do cineasta Wim Wenders, que também dirigiu "Asas do Desejo", é a mais tocante balada já composta pelo U2. A faixa aborda, com evocativas imagens e reflexões sobre a condição humana, a dualidade entre o mundano e o divino.

A desoladora constatação de perda da fé em "The First Time" nos apresenta uma das mais duras letras de Bono Vox, relevando o caráter dilacerante que o exercício da fé pode conferir à prática religiosa. Ao visitar o minimalismo do Velvet Underground com

convicção, sem jamais resvalar para a mera cópia, o guitarrista The Edge deve ter deixado o amigo Lou Reed orgulhoso.

Praticamente no meio da carreira naquele longínquo 1993, o U2 encerra sua jornada no tempo e no espaço com a participação monumental de Johnny Cash em "The Wanderer". A canção, uma ode à redenção e à celebração da simplicidade da vida, havia sido escrita para o lendário cantor do country americano mas terminou sendo gravada pela banda. Quase atemporal, "The Wanderer" representa uma perfeita união entre as raízes da canção folclórica e os caminhos que ainda seriam trilhados pela banda, nunca mais com o mesmo sopro criativo.

A "Zooropa" de Bono Vox e sua luxuosa Zoo TV, ancorada na saturação de transmissões fragmentadas via cabo, não previu um futuro melhor pelas mãos da revolução tecnológica. De fato, ele não aconteceu.

A extrema direita, reduzida a guetos no início dos anos 90, cresceu e utilizou-se das redes sociais para fazer sua própria globalização. No processo, feriu de morte o conceito que norteou a criação da União Europeia, vital para o próprio nascimento de "Achtung Baby" e "Zooropa". Na forma, o satélite de Bono foi colocado para sempre em órbita após o surgimento das redes sociais. Mas a distopia e o isolamento de "Zooropa" permaneceram intactos em meio à chuva efêmera de bilhões de interações e sinais digitais. •

VIOLÊNCIA NO BRASIL

desafio das periferias

Disponível no site da Fundação Perseu Abramo

<https://fpabramo.org.br/publicacoes/estante/violencia-no-brasil-desafio-das-periferias/>

Organização

Felipe da Silva Freitas

Amanda Pimentel | Artur Henrique dos Santos | Bruno Langeani | Dandara Tonantzin Silva Castro | Danilo Sales do Nascimento | Dudu Ribeiro | Felipe da Silva Freitas | Gustavo Queiroz | Jackeline Aparecida Ferreira Romio | Juliana Borges da Silva | Juliana Gonçalves | Maira de Deus Brito | Pablo Nunes | Paulo César Ramos | Poliana da Silva Ferreira | Ricardo Moura | Silvia Ramos | Sofia Helena Monteiro de Toledo Costa

RECONEXÃO
PERFERIAS

FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores



BRASIL

200 anos de lutas e resistências do povo trabalhador

Everaldo de Oliveira Andrade (Org.)

Ângela Maria de Sousa Silva | Berenice Gomes da Silva
Carlos A. Ferreira Martins | Cynthia Soares Carneiro
Eduardo Silveira Netto Nunes | Fernanda Rodrigues Galve
Francisco das Chagas Pereira | Francisco Elias de Araújo
Jean Pierre Chauvin | João Maurício Gomes Neto | John Kennedy Ferreira
José Sergio Gabrielli de Azevedo | Kátia Cilene do Couto
Lyndon de Araújo Santos | Marcelo Sampaio Carneiro
Márcia Regina Barros da Silva | Raimunda N. Monteiro | Ronald Rocha
Vitor Eduardo Schincariol | Zeneide Pereira Cordeiro



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

HUCITEC
EDITORA